

Recortes de Imprensa

Abril 2019



Apoio:



leitores *correio*



DR

Ainda a violência doméstica

Senhor Diretor, Em relação ao meu texto, “Violência sobre as mulheres”, publicado nas Beiras, em 6 de fevereiro deste ano, pareceu-me ser de interesse dar uma perspectiva mais actualizada e que incluí a cidade onde vivo.

Após ter sido contabilizado pelos meios oficiais do país, o número de casos de violência doméstica, que afetam sobretudo as mulheres, morreram em Portugal, desde 1 de janeiro de 2019, 14 pessoas. A Figueira da Foz não foge à regra de ser também palco deste hediondo crime. Assim, e segundo os dados que tive possibilidade de obter através da leitura de um periódico de imprensa local, a PSP registou, até ao presente - 29 de março de 2019- 116 crimes de violência doméstica.

Uma nota digna de realce é o facto de o Ministério Público ter aberto, em 2018, quase 30000 inquéritos, dos quais cerca de 20000 foram arquivados. Nos casos de violência doméstica, ou de eventual pressentimento de vir a concretizar-se, dado o comportamento estranho do agressor, é necessário pedir ajuda às entidades policiais e também, por exemplo, à APAV- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que lhe dispensará apoio psicológico, jurídico, emocional e social, gratuito e confidencial, através do número da Linha de Apoio à Vítima 116 006, nos dias úteis das 9h-21h. Em caso de emergência também pode optar-se por contactar o 112-número nacional de socorro- que encaminhará a chamada à força de segurança mais próxima.

O tema tem sido mais discutido no factor da agressão do homem contra a mulher pelo que há quase uma ausência de prevenção do fenómeno para alertar o problema dos homens vítimas. Em Portugal, abriu em Faro, em outubro de 2016, a primeira casa de abrigo para homens vítimas, com capacidade para 10 utentes.

O problema continua na linha da frente pelo que é necessário aprofundar a forma de intervir para evitar este tipo de violência, estudando os elementos do casal que devem incluir, também as mulheres que perpetraram essa forma de actuação. Assim, pode dizer-se que o fenómeno é bidirecional abrangendo tanto homens como mulheres. Não é demais salientar, apesar das dificuldades que o problema suscita, Portugal foi o primeiro Estado Membro da UE a ratificar a Convenção de Istambul que se ocupa do tema da violência contra as mulheres.

Tocha Coelho
Figueira da Foz



ID: 79861962

05-04-2019

POR DIA A APAV AJUDOU 14 MULHERES E TRÊS CRIANÇAS

Em 2018 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima atendeu 46.371 pessoas

De 2016 a 2018, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) aumentou em 31% o número de atendimentos. De 2015 a 2017, se havia verificado um aumento na ordem dos 19%. Somente no ano passado, a associação de defesa de vítimas de violência em Portugal, registou um total de 46.371 atendimentos. A maior parte das vítimas são mulheres, e o crime de violência doméstica foi o que levou mais pessoas a pedirem ajuda à associação.

■ Ana Grácio Pinto



Em 2018, a APAV ajudou 14 mulheres, três crianças e três idosos e 2 homens, por dia. Ao todo, a associação apoiou 5.173 mulheres, 941 crianças, 926 idosos e 854 homens. Ao todo, foram 9.344 as vítimas de alguma forma de violência, apoiadas pela associação no ano passado e foram reportados 20.589 crimes e outras formas de violência.

Os dados constam do 'Estatísticas APAV: Relatório Anual de 2018', divulgado recentemente pela organização.

"Sendo a maior organização nacional sem fins lucrativos de apoio à vítima de crime, os seus familiares e amigos/as, a APAV pretende contribuir, com a apresentação deste relatório, para um maior conhecimento das realidades da criminalidade e da vitimação em Portugal", sublinha a organização no relatório.

A APAV divulgou as estatísticas do trabalho da organização nas vésperas da apresentação, pelo Governo na Assembleia da República, do Relatório Anual de Segurança Interna (IASI) relativo a 2018.

Os dados estatísticos referem-se aos processos de apoio feitos presencialmente, por telefone e online, pelos 55 serviços de proximidade da APAV: o Sistema Integrado de Apoio à Distância (Linha de Apoio à Vítima 116 006 + apoio online); a rede nacional de 18 Gabinetes de Apoio à Vítima; a rede de Estruturas de

Acolhimento; as três sub-redes de apoio especializado (Rede UAVMD – Unidade de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação, Rede CARE – Rede de Apoio Especializado a Crianças e Jovens Vítimas de Violência Sexual e RAFAVHVT – Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e de Terrorismo).

No total, em 2018, a APAV registou 46.371 atendimentos, "verificando-se um aumento de 31% no número de atendimentos de 2016 a 2018 - quando, de 2015 a 2017, se havia verificado um aumento na ordem dos 19%", refere no relatório, onde indica outro dado: de 2017 para 2018, houve um crescimento de 1,8% no número de vítimas apoiadas pela organização: de 9.176 em 2017 para 9.344 em 2018.

O relatório destaca ainda os diferentes tipos de vítimas e os diversos contextos da vitimação e indica que se mantém a tendência de anos anteriores: a maioria de vítimas é sexo feminino (82,5%) e do total global de pessoas apoiadas em

2018, 74,1% foram vítimas de violência doméstica (6.928). "Ao analisarmos os dados recolhidos para 2018, pudemos observar que se mantém a tendência de anos anteriores, sendo a maioria das vítimas do sexo feminino (82,5%), com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (39,8%)", refere a APAV.

Quanto ao estado civil e ao tipo de família, as vítimas eram sobretudo casadas (27,7%) e pertenciam a um tipo de família nuclear com filhos (32,9%). Em termos académicos e profissionais, o ensino superior apresentou-se como o grau de ensino mais referenciado (8,7%) e mais de 30% das vítimas eram, à data do apoio prestado, profissionalmente ativas no mercado de trabalho.

"Destacam-se ainda, por tipo de crime, crimes de violência sexual, nomeadamente o abuso sexual de crianças (348 crimes), o stalking/perseguição (470 crimes) e o cibercrime (41 crimes)", lê-se no relatório. As zonas do país onde houve mais vítimas apoiadas

foram Lisboa (563), Cascais (299), Braga (298), Porto (291), Sintra (281) e Vila Nova de Gaia (225).

CARACTERIZAÇÃO DA VÍTIMA

Do total de 11.795 utentes registados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, 9.344 foram vítimas de crime. De entre estes cerca de 7.712 eram do sexo feminino (80%) e 1.576 (17%) eram homens.

A maior parte das vítimas (39,8%), tanto homens como mulheres, tinha idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos: 35-44 anos 1.445, dos 35 aos 44 anos: 1.246, dos 45 aos 54 anos: 1.026, dos 25 aos 34 anos. Quanto ao estado civil e ao tipo de família, as vítimas casadas (27,7%) pertencentes a um tipo de família nuclear com filhos (32,9%) sobressairam face às restantes.

Mas é significativa a percentagem de vítimas solteiras (25,1%). Dos níveis de escolaridade que foram informados, destaca-se o ensino superior (8,7%), mas convém dizer que a maior parte das vítimas (6.492) não revelou o grau de escolaridade.

Do total, um número ainda significativo - 1.386 pessoas (14,8%) - estavam desempregadas. Do universo total houve ainda 1.043 (11,2%), que disseram ser estudantes. "As relações de conjuge, companheiro/a, ex-cônjuge, ex-compan-

“As relações de conjuge, companheiro/a, ex-cônjuge, ex-companheiro/a, ex-namorado/a enamorado/a totalizam 57,7% das relações existentes entre vítima e autor/a do crime”, indica o relatório da APAV, e permite confirmar que o contexto “das relações de intimidade” continua a sobressair no que diz respeito à relação da vítima com o autor ou autora do crime de violência.

ID: 79861962

05-04-2019

heiro/a, ex-namorado/a enamorado/a totalizam 57,7% das relações existentes entre vítima e autor/a do crime", indica o relatório da APAV, e permite confirmar que o contexto "das relações de intimidade" continua a sobressair no que diz respeito à relação da vítima com o autor ou autora do crime de violência.

No entanto, as relações de parentesco também demonstraram algum relevo, nomeadamente nos casos em que a vítima é filho ou filha (8,3%) ou quando a vítima é pai ou mãe (7,5%).

TRÊS CRIANÇAS AJUDADAS POR DIA

A APAV ajudou 941 crianças em 2018. Foram três por dia, em média e representam uma em cada dez pessoas nas mais de 9.300 vítimas de crimes que recorreram à associação. A maioria das crianças (66,7%) são meninas, têm em média 11 anos, vivem numa família nuclear com filhos (34,8%) e são estudantes (80,2%).

Especificamente em relação aos crimes sexuais contra menores, a APAV registou 348 abusos sexuais de crianças, 15 de abusos sexuais de menores dependentes e 31 de pornografia de menores, havendo também 165 casos de violação de crianças ou adultos.

Estes são alguns dos crimes sexuais que se incluem num grupo mais abrangente de crimes contra as pessoas e que representa 96% do total de crimes e outras formas de violência assinalados à APAV. No geral, os crimes contra as pessoas representam 96% do total de crimes e outras formas de violência assinalados à APAV, com especial relevo para os crimes de violência doméstica (77,5%). Nas restantes categorias criminais, o destaque vai para os crimes patrimoniais.

O PERFIL DE QUEM É VIOLENTO/A

Quanto aos autores dos crimes, para o total das 9.344 vítimas, a APAV registou um total de 9.665 responsáveis. Destes, mais de 80% eram do sexo masculino e tinham idades compreendidas entre os 35 e os 54 anos (21,4%). Cerca de 29,9% eram casados e trabalhavam (34,5%),

No que diz respeito ao estado civil, na maioria das vezes estavam casados/as - 2.791 ou seja, 28,9% do total. Seguiram-se os solteiros/as (1.249, 12,9%) e em união de facto (995, 10,3%).

Em cerca de 35% das situações (3.333 pessoas) os autores do crime estavam empregados e 1.180 (12,2%) estavam sem trabalhar.

Outro dado perturbador é o que confirma que em 2018, prevaleceu o tipo de vitimação continuada (76%), e com uma duração entre dois e seis anos (14,4%). Mas 4.345 vítimas (59% do total), não revelou há quanto tempo era vítima de violência. Foi na residência comum à vítima e ao autor da violência, que ocorreu a maior parte dos crimes. Foram 5.143 as pessoas que o revelaram, segundo o relatório. Segue-se a residência da vítima (1.562, 15,6%) e algum local ou via pública (1.156 pessoas, 11,5%). "Somente em 47,8% das situações foi formalizada queixa/denúncia junto das entidades policiais", revela ainda o relatório,

QUEM DENUNCIA?

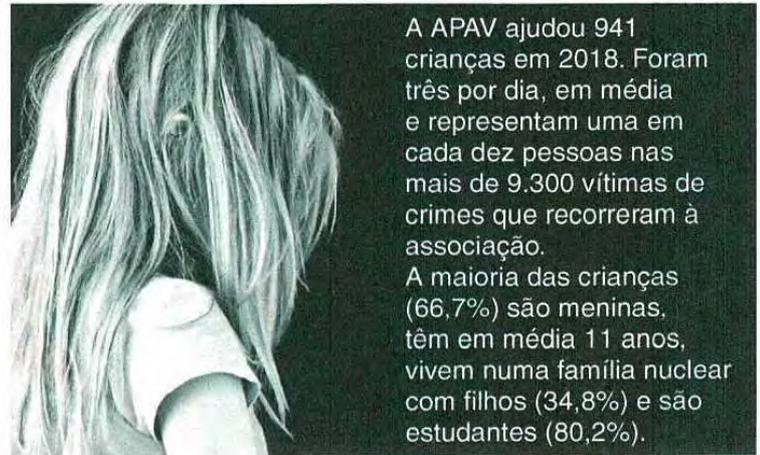
Em 2018, foram 8.023 as pessoas vítimas e violência a procurar a APAV. Seguiram-se os contatos feitos por familiares (2.347) e por amigos (1002).

Ainda é a própria vítima (mulher ou homem) a denunciar a violência a que foi sujeita; mais de 69% foi contatos. Cerca de 20% das denúncias foram feitas por familiares e amigos.

O contacto telefónico (55,9%) foi o mais utilizado pelos/as utentes, tendo a APAV recebido 7.970 telefonemas. Seguiu-se o contacto presencial, com 4.726 a dirigirem-se à associação (33,2%).

Mas os contactos via email e através das redes sociais tenha vindo a aumentar. A instituição recebeu 1.212 emails (8,5%) e 244 denúncias através das redes sociais (1,7%).

Em 2018 recebeu ainda, 95 cartas e quatro faxes com denúncias. "A utilização das novas tecnologias e o investimento no Sistema Integrado de Apoio à Distância (SIAD) são respostas da APAV que se refletem neste aumento", assume a organização. No que diz respeito à forma como os/as utentes chegam à APAV, os encaminhamentos através de amigos/as



A APAV ajudou 941 crianças em 2018. Foram três por dia, em média e representam uma em cada dez pessoas nas mais de 9.300 vítimas de crimes que recorreram à associação. A maioria das crianças (66,7%) são meninas, têm em média 11 anos, vivem numa família nuclear com filhos (34,8%) e são estudantes (80,2%).

(14,8%), da PSP (11,2%) e de familiares (10,1%) foram os mais significativos.

A APAV sublinha no relatório que a cooperação com outras entidades e o trabalho em parceria é essencial no trabalho quotidiano desta associação, destacando-se a colaboração com os órgãos de polícia criminal (GNR, Polícia Judiciária e PSP - 29,9%).

Mas a associação tem ainda a colaboração de outras instituições e organismos, como a Segurança Social, as unidades de saúde, o Ministério Público, os tribunais, a CPCJ (Comissões de Protecção de Crianças e Jovens), a LNES (Linha Nacional de Emergência Social) as Santas Casas da Misericórdia, o

INEM (Instituto Nacional de Emergência Médica) a ACT (Autoridade para as Condições do Trabalho) e ainda as câmaras municipais e as juntas de freguesia

A operar em Portugal desde 1990, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) é uma organização sem fins lucrativos e de voluntariado, que apoia, de forma individualizada, qualificada e humanizada, vítimas de crimes, através da prestação de serviços gratuitos e confidenciais. Está sediada em Lisboa (Rua José Estêvão, 135 A, Piso 1), tem uma Linha de Apoio à Vítima: 116006 (chamada gratuita; aos dias úteis entre as 09h e as 21h) e um número de contacto geral (21 358 79 20).





paraouvir



FINALMENTE

XAVE

Xave é o nome do projeto musical do jornalista da SIC, Rodrigo Guedes de Carvalho, que conta com a voz da cantora Isabelinha. "Xave" porque para Rodrigo, Isabelinha é "Xave que avançou sem medo para a porta que parecia fechada. "Finalmente" porque é a realização do sonho de um adolescente, que jurou que seria músico, mas ao qual a vida trocou as voltas. Passados quase 40 anos, Rodrigo Guedes de Carvalho senta-se ao piano e inicia um novo caminho que culmina com o lançamento de um álbum, composto por 14 temas, entre os quais se encontra "Se Foi Amor", a fazer sucesso nas plataformas digitais. Se escrever as canções foi mais ou menos fácil, mais difícil parecia ser encontrar a voz que expressasse o que pretendia transmitir. Foi numa casa de fados, onde se deslocou com a família, que se espantou com a interpretação da fadista Isabelinha, de 28 anos, com quem formou uma dupla que passou a trabalhar, em segredo, para levar o projeto avante. Juntaram-se-lhe Ruben Alves, ao piano e nos arranjos; Tiago Derrixa, nos arranjos de cordas; Joana Alves Amorim e Miguel Faria de Vasconcelos, nos violinos; Johann Pereira, na viola e Tiago de Sousa Derrixa ao violoncelo. Esta não é a primeira vez que o jornalista demonstra a sua paixão pela música, sendo o autor da letra e música de "Cansada", tema que escreveu para a APAV. Os Xave vão dar concertos ao vivo, nos quais Rodrigo Guedes de Carvalho estará presente, através de voz-off ou pequenos vídeos. CLARA BOIÇA


 SOCIEDADE


APAV apoiou 35 vítimas sexuais menores na Madeira em 2018

ANA LUÍSA CORREIA
acorreia@dnoticias.pt

No ano passado, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou na Madeira 35 indivíduos. Os dados constam do relatório estatístico de 2018 daquela associação, onde é revelado que, em termos concelhios, o maior número de vítimas reside no Funchal (22), seguindo-se Santa Cruz (8), Machico (2) e finalmente, Calheta, Câmara de Lobos e São Vicente, cada um com uma vítima apoiada.

Porém, nestes números há que ter em conta um aspecto. A APAV, que se encontra na Madeira (num espaço na Praça do Carmo, Funchal), desde Julho de 2018, apenas tem a funcionar na Região uma das três sub-redes de apoio especializado: a Rede Care, que trata do apoio a crianças e jovens vítimas de violência sexual. Isto significa então, que a maioria das 35 vítimas apoiadas se enquadra assim, neste âmbito.

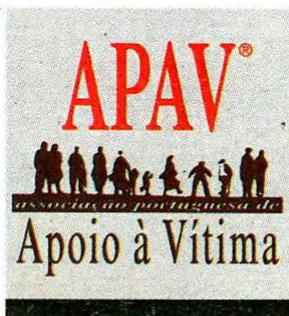
Ao DIÁRIO, Isabel Teixeira, técnica da Rede Care da APAV na Madeira, explica que as crianças e jovens vítimas de violência sexual apoiadas pela associação ou são aquelas que já apresentaram queixa e foram referenciadas pelas autoridades parceiras na Rede (Policia Judiciária ou Ministério Público) ou

também aquelas que vão procurar ajuda por iniciativa própria.

Porém, a verdade é que a maioria das situações acompanhadas pela APAV na Madeira estão, muitas delas a decorrer, ou em fase de inquérito ou instrução, e em que as cujas crianças e/ou jovens e as próprias famílias precisam de algum apoio, quer jurídico, quer psicológico. Isabel Teixeira admite que a associação recebe por vezes outros pedidos de ajuda, até porque "tendo o logotipo da APAV, as pessoas tendem a fazer associações", mas esses casos acabam por ser encaminhados para outras associações regionais que têm outro tipo de trabalho. "Até este momento, os nossos atendimentos têm sido muito com vítimas crianças e ou jovens".

Para isso concorre também o facto de "o projecto Rede Care também tem estado na Região pelas escolas, a fazer algumas acções de sensibilização, e estas vítimas têm sido o nosso grupo-alvo porque a APAV está apenas com este projecto cá", explica ainda.

Na maioria dos casos, as crianças e jovens em causa não aparecem na APAV sozinhas, nem procuram ajuda sozinhas. Muitas vezes são os próprios pais que não sabem o que fazer. "Há que ter em conta ainda que em muitos casos o agressor está no contexto intra-familiar, e as



ASSOCIAÇÃO ESTÁ NO
FUNCHAL DESDE
JULHO DO ANO
PASSADO COM O
PROJECTO REDE CARE

pessoas acabam por não ter estratégias para lidar com essa situação". E acrescenta: "Claro que o nosso trabalho acaba por ser muito direccionado para as famílias, porque são eles que passam a maior parte do tempo com os jovens, para que depois os possam ajudar da melhor maneira possível".

Chegam assim à APAV, muitas vezes para saber o que podem fazer e como lidar com a situação. E as dúvidas são muitas. Desde as mais complexas, como as implicações que poderão existir no contexto escolar ou se terão de mudar de casa, até as mais processuais como saber o que é um processo que está na fase de inquérito ou de instrução, o que é ser arguido ou ter estatuto de vítima.

Isabel Teixeira explica ainda que nas situações relacionadas com violência sexual, muitas crianças e jovens não têm a percepção clara de que este é um crime, "porque a violência sexual também pode esconder uma violência doméstica para garantir o segredo, e muitas vezes num contexto aparece outro". Assim, o agressor, na maior parte das vezes, também manipula estas crianças no sentido em que elas não percebam que estão a ser vítimas e tentam comprar o silêncio. "E estas famílias não sabem o que fazer", refere Isabel Teixeira.

Quando se tratam de situações extra-familiares, por desconhecidos ou outros, os familiares acabam por ter uma atitude muito protectora e tentar ultrapassar, sobretudo quando é uma situação pontual. Já nos casos de uma vitimação continuada, "estas crianças e jovens precisam de outras estratégias e nós fazemos, efectivamente, um trabalho quer com os pais ou com familiares, às vezes com os avós, aqueles que forem um suporte emocional".

A técnica da Rede Care na Madeira explica ainda ao DIÁRIO que "este tipo de vítima e crime são as chamadas cifras negras e as pessoas têm sempre muita dificuldade em reportar e em denunciar, até porque mexe com toda a estrutura familiar e com toda a comunidade e não apenas com a vítima".

Assim, sublinha, é importante desmistificar e dizer que quando se sabe de uma situação destas, a primeira coisa a fazer é denunciar. "Mesmo na dúvida, denuncie. Porque nenhum de nós é um órgão de investigação criminal", apela. "Por isso, a pertinência de chegar agora ao pessoal docente e às comissões no sentido de agilizarmos e melhorarmos a qualidade de resposta destes técnicos nestes processos, dada a nossa rede especializada ter mais al-



941 CRIANÇAS AJUDADAS EM TODO O PAÍS

■ A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) ajudou 941 crianças em 2018, em média três por dia, que representam uma em cada dez pessoas nas mais de 9.300 vítimas de crimes que recorreram à associação. As 941 crianças ajudadas representam 10% das 9.344 vítimas que, no total, a APAV apoiou no ano passado, o que significa que uma em cada dez pessoas que recorreram à associação eram crianças, indicam dados estatísticos da associação relativos a 2018. A maioria das crianças (66,7%) são meninas, têm em média 11 anos, vivem numa família nuclear com filhos (34,8%), e são estudantes (80,2%).

Especificamente em relação aos crimes sexuais contra menores, a APAV registou 348 abusos sexuais de crianças, 15 de abusos sexuais de menores dependentes e 31 de pornografia de menores, havendo também 165 casos de violação de crianças ou adultos. Estes são alguns dos crimes sexuais que se incluem num grupo mais abrangente de crimes contra as pessoas e que representa 96% do total de crimes e outras formas de violência assinalados à APAV.

Dentro destes, o que mais se destaca é o crime de violência doméstica, com 15.964 casos (77,5%), tendo havido 6.928 pessoas que

precisaram da ajuda da APAV, sobretudo mulheres (86,3%).

As 9.344 vítimas, e um total de 20.589 crimes e outras formas de violência, foram identificados na sequência dos 46.371 atendimentos feitos em 2018 pela APAV, o que representa um aumento de 31% face a 2017, na sequência dos quais foram abertos 11.795 novos processos e processos em acompanhamento. As zonas do país onde houve mais vítimas apoiadas foram Lisboa (563), Cascais (299), Braga (298), Porto (291), Sintra (281) e Vila Nova de Gaia (225).

Os dados estatísticos disponibilizados reportam-se aos processos de apoio desenvolvidos presencialmente, por telefone e online, no ano transacto, pelos 55 serviços de proximidade da APAV: o Sistema Integrado de Apoio à Distância (Linha de Apoio à Vítima 116 006 + apoio online), pela rede nacional de 18 Gabinetes de Apoio à Vítima, pela rede de Estruturas de Acolhimento e pelas três sub-redes de apoio especializado: a Rede UAVMD – Unidade de Apoio à Vítima Migrante e de Discriminação; a Rede CARE – Rede de Apoio Especializado a Crianças e Jovens Vítimas de Violência Sexual; e a RAFAVHVT – Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e de Terrorismo.

gum conhecimento, o qual achamos importante partilharmos com os técnicos”.

Balanço positivo

Sobre o trabalho que tem sido desenvolvido pela APAV na Madeira, desde que foi implementada a Rede Care em Julho de 2018, Isabel Teixeira diz que tem vindo a ser uma experiência enriquecedora, não só ao nível do atendimento das vítimas e suas famílias, mas também no trabalho realizado a montante. “Fizemos formação de todos os técnicos das Comissões de Protecção de Crianças e Jovens regionais para esta área, das crianças e jovens vítimas de violência sexual. A APAV tem esta valência de formação”, acrescenta.

Além disso há uma trabalho de parceria que funciona, não só no encaminhamento por parte das autoridades parceiras para a APAV, como em sentido contrário: em situações não relacionadas com a violência sexual de crianças e jovens que recorrem à associação, é prestada a informação que é possível e encaminhado o caso para equipas especializadas existentes na Madeira.

Isabel Teixeira recorda que a APAV há já alguns anos tem vindo a procurar se estabelecer na Região com todas as funcionalidades de um Gabinete de Apoio à Vítima. “Infe-

lizmente não temos conseguido apoios financeiros para tal. Somos uma Organização Não Governamental, sem fins lucrativos e completamente apolítica e portanto fica difícil”, acrescenta. Mas a verdade é que têm sido feitos muitos esforços, “quer por nós, técnicos que estão cá, quer pelo presidente da APAV, João Lázaro, no sentido de criar esse GAV na Madeira”.

Até porque não há garantias de, mesmo a Rede Care se manter no Funchal depois de meados do próximo ano. Isabel Teixeira esclarece que este projecto está na Região devido a um financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian e tem uma durabilidade limitada a 2 anos. “Não conseguimos prometer que a partir de Julho de 2020 o projecto continue na Madeira”.

A técnica sublinha ainda que seria importante a associação se estabelecer na Madeira. “É importante darmos aqui uma resposta qualificada. A APAV não é uma instituição que nasceu ontem, tem provas dadas no terreno desde 1990 e, ao longo dos tempos, tem sido o próprio Ministério Público a pedir-nos mais intervenção”, refere, o que comprova o bom trabalho que tem sido desenvolvido pela APAV e reconhecido pelos vários sectores da sociedade.



CASTRO VERDE DEBATE **VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

“Aqui morreu uma mulher” é o título da exposição que pode ser vista no Fórum Municipal de

Castro Verde, numa organização da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Castro Verde. No dia 8, no mesmo espaço, a partir das 18:00 horas, terá lugar a palestra/debate “A violência doméstica: Um drama que não podemos calar, nem consentir”, que contará com o procurador do Ministério Público da Instância Local de Almodôvar, o presidente da União de Freguesias de Castro Verde e Casével e representantes da APAV – Associação de Apoio à Vítima, da Equipa de Prevenção da Violência em Adultos – Beja e do Niave – Núcleo de Investigação e de Apoio a Vítimas Específicas (Beja), para além de um testemunho real. A mostra retrata os casos de 28 mulheres mortas em 2015, e cujas histórias foram divulgadas na revista “Visão”.



Comissão questiona 'Apoio à Vítima'

A Comissão Eventual sobre a 'Prevenção e Combate à Violência Doméstica', da ALRAM, reuniu ontem para definir a metodologia que se seguirá, daqui saindo a resolução de elaborar um documento com várias questões a enviar à APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. A comissão, proposta pelo PS e instalada em maio de 2018, ouviu já um vasto leque que de alguma forma possa ajudar a aferir o estado da Região nesta matéria, tendo sido já ouvido Paulo Barreto, Brício Araújo, Guida Vieira, Patrícia Escórcio, Samuel Freitas e Mónica Gonçalves. Do conjunto de audições saíram números assustadores, mormente as 503 mulheres assassinadas em Portugal entre 2004 e 2017.



ID: 79911230

08-04-2019

Sessão sobre violência contra pessoas idosas Miranda do Corvo

terça
9. abr

●●● Uma ação de sensibilização sobre a violência contra pessoas idosas realiza-se amanhã (dia 9 de abril), pelas 14H00, no auditório da Câmara Municipal de Miranda do Corvo. A iniciativa promovida pela CLDS 3G de Miranda do Corvo conta com a colaboração da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima). A sessão é não apenas dirigida à população idosa como também à comunidade em geral. As inscrições são gratuitas e podem ser realizadas através dos contactos telefónicos 239 549 440 e 969 153 018.



O espaço destina-se às vítimas mais vulneráveis.

PJ já possui sala de apoio às vítimas

ANDREÍNA FERREIRA
aferreira@dnoticias.pt

A Polícia Judiciária do Funchal já possui uma sala de apoio às vítimas mais vulneráveis, nomeadamente crianças. Um projecto que contou com a colaboração da APAV e que, aos olhos de Carlos Farinha, director nacional adjunto da Polícia Judiciária, “é um ponto de partida para uma preocupação crescente da Polícia Judiciária”.

Carlos Farinha explicou que o espaço irá servir para comunicar com as vítimas e adiantou ainda

A SALA É DOTADA DE MOBILIÁRIO INFANTIL; CONTOU COM A COLABORAÇÃO DA APAV

que a PJ pretende disponibilizar o auditório (que se encontra inactivo) a médio prazo.

Além disso, recordou que, na passada terça-feira, tomaram posse 120 inspectores estagiários, a nível nacional, referindo que,

nos próximos dias, irá abrir um novo concurso para admissão de 100 inspectores estagiários, sendo que “desse reforço com certeza haverá repercussão também durante o ano 2019 para o Departamento de Investigação Criminal do Funchal”.

A visita a este novo espaço, uma sala dotada de mobiliário infantil, contou também com a presença do coordenador da PJ do Funchal, Ricardo Tecedeiro, com Maria de Lurdes, coordenadora do Ministério Público da Comarca da Madeira, e Isabel Teixeira, da APAV.



Casos de vítimas de crimes e violência crescem no Algarve

PORTIMÃO A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou no Algarve, em 2018, cerca de 950 casos de vítimas diretas de crimes e de violência, de um total de 4600 atendimentos. “Representa um aumento em relação ao ano anterior”, frisou Carmen Rasquete, no seminário “Algarve um destino seguro”, em Portimão. Em média, por semana registaram-se na região 100 casos de adultos, 18 de crianças e igual número de idosos. O Algarve integra, desde o dia 5, a rede nacional de apoio a vítimas de violência.

ID: 79971191

11-04-2019

APAV está a atender mais casos de 'bullying' nos Açores

APAV Açores regista “um ‘boom’ de pedidos de apoio no âmbito de situações de bullying” que ocorrem nas escolas açorianas e lançou projeto-piloto que pretende enfrentar o fenómeno social

MIGUEL BETTENCOURT MOTA
miguelmota@acorianooriental.pt

Estatisticamente falando continuam a ser as mulheres e, fundamentalmente, as vítimas de violência doméstica as que mais procuram o apoio social, jurídico e psicológico que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) dispõe nos Açores, mas, paulatinamente, o paradigma tem vindo a alterar-se, com a estrutura regional a ser chamada a atender mais situações de 'bullying' junto de crianças açorianas.

“Há agora uma nova forma de violência, que não está tipificada como crime, e que é o 'bullying'. Nós temos tido um 'boom' de pedidos de apoio no âmbito de situações de bullying” em ambiente escolar, deu ontem conta, em Ponta Delgada, a gestora da APAV Açores.

Sílvia Branco falava durante uma palestra na qual fez o balanço de quinze anos da atividade da APAV no arquipélago e que decorreu no Hotel Marina Atlântico a convite do Rotary Club de Ponta Delgada.

Na ocasião, a dirigente associativa não escondeu a sua preocupação quanto a este fenómeno social chamado 'bullying', que se traduz em comportamentos agressivos e na prática de formas de intimidação frequentes junto de uma determinada pessoa.

“Os pais ou os representantes legais [das crianças] quando nos chegam é sinónimo de que, por parte da escola, já houve uma ‘não resposta’”, referiu a responsável, esclarecendo o motivo de alarme.

“A solução que as escolas, muitas vezes encontram, passa por suspender o agressor durante três ou cinco dias ou por transferir a vítima de turma”, mas isso não chega, sustentou a palestrante, defendendo ser fulcral que se realize “um trabalho de continuidade” e de suporte psicológico junto da criança que sofreu 'bullying'.

E isto porque, acrescentou Sílvia Branco, “não são raras as vezes” que a associação vê “uma vítima que conseguiu colocar um término numa relação agressiva” regressar à instituição de “cabeça baixa” e “envergonhada” por não ter tido ferramentas para lidar com uma situação de violência semelhante.

No entanto, sublinhou a dirigente associativa, a APAV Açores

Todos temos o nosso traço de personalidade e há mecanismos de defesa que umas pessoas têm e outras não. Se não têm, é possível adquirir. Se os têm, mas por algum motivo os perderam, é possível retomá-los

SÍLVIA BRANCO
GESTORA DA APAV AÇORES



Sílvia Branco, gestora da APAV Açores, defende um trabalho de continuidade junto das vítimas

estará disponível para ajudar “uma, mil ou quantas vezes forem necessárias” quem lhe for bater à porta.

“Todos temos o nosso traço de personalidade e há mecanismos de defesa que umas pessoas têm e outras não. Se não têm, é possível adquirir. Se os têm, mas por algum motivo os perderam, é possível retomá-los”, ressaltou ainda.

A gestora da APAV Açores indicou que a instituição criou um projeto-piloto para inverter a tendência de 'bullying' e que sai um pouco da lógica que consiste em ir às escolas e dissecar o fenómeno junto dos alunos, num só contacto. “O nosso projeto assenta em seis sessões e contempla uma pré e uma pós avaliação. Fazemos isto para que possamos ter noção do conhecimento que a pessoa tem antes e depois das sessões realizadas, que são sempre lúdico-pedagógicas. Não podemos chegar lá e debitar, por isso cria-

Comarca dos Açores recebeu 264 processos de violência doméstica

A Comarca dos Açores recebeu 264 processos de violência domésticas, entre 1 de janeiro e o passado dia 31 de março.

Segundo dados da Procuradoria-geral Distrital de Lisboa, o Ministério Público recebeu 3487 processos por violência doméstica das cinco comarcas do distrito judicial de Lisboa, lote do qual fazem parte as comarcas da Madeira e dos Açores.

A Madeira regista 315 casos, mas foram as comarcas de Lisboa e de Lisboa Oeste as que mais processos (1260 e 1100 processos, respetivamente).

No total, o MP movimentou 8224 processos, dos quais 4737 transitados do período anterior e 3487 entrados. ♦ LUSA/MBM

mos jogos de tabuleiro e outras atividades para conseguirmos captar a atenção deles”, aprofundou.

Nos últimos quinze anos, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, através do seu gabinete em Ponta Delgada, apoiou mais de 5500 pessoas e realizou perto de 20 mil atendimentos na Região.

73 por cento dos processos da instituição, em 2018, derivaram de crimes e situações de violência doméstica denunciadas por mulheres, mas, à semelhança do que acontece com o fenómeno bullying, a APAV vai tendo mais conhecimento de casos que envolvem violência psicológica e física sobre homens, pessoas idosas e também deficientes.

O Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada pode ser contactado telefonicamente através do número 296 285 399, ou enviando e-mail para apav.ponta-delgada@apav.pt. ♦

tema do dia // violência no namoroTextos | Joana Fernandes
Paulo Marques

“Não aceitava que eu não quisesse sexo. Dizia que isso não era normal nos namorados. Queria sexo sem preservativo e mandava-me ir depois comprar pilula do dia seguinte”

“A minha namorada não me deixa aceitar pedidos de amizade de outras raparigas no Facebook. Diz que já tenho namorada e não preciso de falar com outras”

“Ele não me deixa sair de casa com decotes porque diz que eu dou muito nas vistas. Eu não gosto que ele me controle, mas faço-lhe a vontade para não haver chatices”

p&r

“Se um amigo meu estiver a ser vítima de violência no namoro, o que devo fazer?”



Mafalda Ferreira
Coordenadora executiva do programa UNI+ da Associação Plano i

“Muitas das vezes, as vítimas são questionadas e é quase posto em causa se, de facto, aquela situação aconteceu. Enquanto amigos e amigas da vítima, nunca devemos duvidar do relato de vitimização que nos está a ser feito”.



Natália Cardoso
Gestora do Gabinete da APAV em Coimbra

“Enquanto amigos, vemos apenas a violência psicológica porque as vítimas escondem as marcas da violência física. É necessário estar o mais presente possível, ainda que ela ou ele se afaste de nós, temos de perceber que se a pessoa se está a afastar, é porque está a ser pressionada para tal”.

“Eu não gosto nada que ele/ mas faço-lhe a vontade para

Seis em cada 10 jovens admitem que sofrem, ou já sofreram, episódios de violência no namoro. E, pior, set

Os sistemas de mensagens de redes sociais como o Facebook, o Instagram ou outras redes de instant messaging são utilizados como via para a violência no namoro.

Furtos de identidade e consequentemente a difamação online, afetam muitos jovens. Os agressores usam as mensagens do telemóvel e das redes sociais para dar voz ao ciúme, lançar a perseguição e humilhar o outro.

Publicado já este ano, um estudo nacional sobre a Violência no Namoro 2019, elaborado pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) com o apoio da secretária de Estado para a Cidadania, Rosa Monteiro, revela que o acesso a redes sociais, por parte do/a companheiro/a, sem autorização, é considerado um comportamento normal por 37% dos jovens.

Este tipo de comportamento preocupa organizações como a APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e a Associação Plano i.

Estudo Nacional sobre Violência no Namoro

Os resultados do estudo nacional sobre a Violência no Namoro 2019 revelam que 58% dos jovens que namoram ou já namoraram reportam já ter sofrido de violência por parte do atual ou do ex-com-



panheiro, mais 2% do que em 2018. Por outro lado, 67% dos jovens considera natural alguns dos comportamentos de violência. Para os autores deste estudo, os resultados são preocupantes e, por isso, é necessária a aposta numa maior prevenção, realizando ações de sensibilização sistemáticas.

O Relatório Anual de Segurança Interna de 2018 (com dados de 2017) revela que as vítimas são mais raparigas do que rapazes. Na opinião de Mafalda Ferreira, coordenadora executiva do programa UNI+, da Associação Plano i, isto ocorre porque os rapazes tendem a ficar nas ‘cifras negas’ - ‘crimes que

ocorrem, mas que não estão nas denúncias oficiais, ou seja, não chegam às autoridades competentes”. Neste relatório, o número de denúncias apresentadas por homens foi apenas de 21%, em 2017. Mafalda Ferreira avança que a vergonha em denunciar situações abusivas é uma das razões para os núme-

ros de casos não serem maiores.

Aumentam as denúncias

Natália Cardoso, gestora do Gabinete da APAV em Coimbra, acredita que o número de denúncias aumentou devido à alteração da lei. “A violência no namoro passou a ser um crime público, auto-

voz dos estudantes

Quanto mais se falar do assunto mais consciência do crime se tem

Diogo Carregã e Paula Sá são alunos da ESTeSC - Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra e estiveram atentos e participativos à temática abordada na palestra, realizada na escola. Ambos consideram importante que os jovens falem sobre estas questões.

Paula Sá entende que foi

um momento “pertinente, interessante e com um assunto que foi muito bem exposto por parte das oradoras”.

Diogo Carregã acredita que, “se o assunto for cada vez mais exposto e as pessoas estiverem mais atentas, as pessoas tornam-se mais conscientes para combater este crime”.



Alunos da ESTeSC podiam escrever denúncias anónimas



“O meu namorado andava nervoso com os exames e durante uma discussão empurrou-me. Ele é bom rapaz, mas às vezes passa-se”

“Começou a esperar-me à porta de casa quando chegava do trabalho. Ele dizia que era para me fazer uma surpresa, mas hoje sei que era só para me controlar”

“Controlava onde ia, pessoas com quem me relacionava, o que fazia no Facebook e as minhas opções profissionais. Enviava várias mensagens às quais eu tinha de responder”

a me controle, não haver chatices”

...e em cada 10 consideram natural a existência de alguns comportamentos violentos



maticamente o número de denúncias também disparou”, justificou. Apesar de duvidar que alguma vez se acabe com este problema, a gestora do Gabinete da APAV em Coimbra acredita que se pode diminuir o impacto e se pode evitar este crime “se as pessoas sinalizarem que estão a ser vítimas de uma forma mais precoce”.

Igualdade de género

Para Mafalda Ferreira, quando se fala em violência doméstica, fala-se na questão da igualdade de género, como tal “a educação para a igualdade de género tem de ser constante e tem de ser precoce”.

Em comunidade escolar, as oradoras consideram que devem ser feitas mais ações de sensibilização interativas nos estabelecimentos de ensino. “Caso os professores ou a instituição não se sintam à vontade para abordar esta temática, podem contactar organizações que



O Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro feito pela UMAR revela resultados preocupantes

- 1 **37% dos jovens considera normal aceder a redes sociais do/a companheiro/a sem autorização**
- 2 **58% dos jovens que namoram ou namoraram reportam já ter sofrido violência por parte do/a atual ou ex companheiro/a**
- 3 **67% dos jovens considera normal alguns comportamentos de violência**

trabalham estas matérias para fazer este tipo de intervenção”.

Os estabelecimentos de ensino têm um papel determinante no campo da sensibilização. É lá que encontramos grande parte das crianças e dos jovens.

Disciplina curricular como Português

Na opinião de Mafalda Ferreira, este tipo de intervenção deve começar desde cedo em disciplinas dedicadas a temas como este. “Devia ser introduzida uma disciplina, tão importante como a Matemática e Português para trabalhar a questão da igualdade de género, cidadania e inteligência emocional”, justificou.

Por outro lado, Natália Cardoso diz que já “começam a surgir alguns programas para fazer este acompanhamento desde muito pequeninos para que sejam introduzidos alguns valores sobre os relacionamentos interpessoais”.

palestra/debate sobre violência no namoro

ESTeSC aposta na prevenção em meio escolar

●●● A violência no namoro não escolhe estratos sociais ou económicos. Está também presente entre os estudantes universitários. Por isso, a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra (ESTeSC) realizou um debate, que contou com a participação da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e da Associação Plano i.

A violência potenciada pela utilização intensiva das redes sociais foi um dos focos desta sessão. Natália Cardoso, gestora do Gabinete da APAV em Coimbra, explicou que existem duas possibilidades de furto de identidade que visam a difamação nas redes sociais: a criação de um perfil falso ou o uso do perfil verdadeiro, utili-

zando os dados de acesso da vítima. “Antigamente trocavam-se alianças entre casais como prova de amor, hoje, trocam-se passwords”, justificou.

Mafalda Ferreira, coordenadora executiva do programa UNi+, da Associação Plano i considera que “há formas de violência que são mais facilmente identificáveis do que outras. A violência verbal e emocional que existe online tende a ser minimizada e até desconhecida”.

Tanto Natália Cardoso como Mafalda Ferreira afirmam que a partilha de passwords, que surge no início de um relacionamento como algo romantizado, é apenas uma forma de desconfiar por parte do/a parceiro/a.



Participantes estiveram atentos e participativos

depoimento

Sete anos de terror na primeira pessoa

Desde o início nunca foi uma relação normal. Eu com 15 anos e ele, também mas bastante agressivo, controlador, manipulador e ciumento. Eu não podia sair com as minhas amigas, não podia vestir-me de maneira mais ‘atrevida’ e era impensável ter redes sociais.

Eu achava que era a maneira dele demonstrar que realmente gostava de mim.

O tempo foi passando até eu ficar totalmente isolada. Eu não podia ir a lado nenhum sem ele estar presente, os meus amigos eram os amigos dele, quando não estávamos juntos tinha que estar sempre a responder a mensagens ou a chamadas dele.

Um dia, após uma discussão mais acesa, ele empurrou-me pela primeira vez. Logo chegaram os pedidos de desculpa.

Como estava apaixonada, perdoei.

Quando fiz 16 anos, comecei a violência psicológica.

Eu era a gorda, a p*, a vaca, aquela que ninguém queria e ele era o único que gostava de mim.

Por vontade própria e com o apoio dos meus pais, vim estudar para Coimbra e vim viver sozinha.

Terminei a relação com ele e vim. Mas, no primeiro dia de aulas descobri que ele tinha vindo também para a mesma escola que eu. Era um sufoco.

Eu tinha um quarto alugado e ele também, mas era na minha casa que ele dormia todos os dias. Fazia cenas de ciúmes,

batia à porta até alguém abrir.

O primeiro dia que ele me bateu, foi e é dos dias que nunca mais vou esquecer. Havia uma festa na escola. Estava a divertir-me quando ele apareceu.

Pedi-me para irmos lá fora.

Perguntou quem era o rapaz que estava perto de mim, rapaz que eu nem sabia o nome.

Ele não acreditou, começou a ficar cada vez mais agressivo até que me meteu as mãos no pescoço e apertou até eu deixar de respirar.

Com o pânico fui a correr para casa e ele foi atrás.

Tranquei-me no quarto, mas ele entrou e partiu tudo o que havia para partir.

Gritei e ninguém foi ver se eu estava bem.

Foram os vizinhos que chamaram a polícia. Quando chegaram, foi ele que abriu a porta disse que não se passava nada. Eles entraram e não viram ninguém porque nenhuma das pessoas que vivia comigo saiu do quarto.

A polícia acabou por ir embora.

Nunca ninguém, em três anos a frequentar a escola, me abordou para tentar saber o que se passava.

Mesmo quando chegava toda marcada.

Um dia, fomos jantar fora e ele bebeu demais. Chegamos a casa, eu fui para o quarto e ele voltou com uma faca, trancou a porta, sentou-se ao pé de mim, meteu a faca no meio e disse:

“Ou tu me contas com quem andas metida ou eu mato-te”. Estivemos horas ali.

Ele bateu-me várias vezes e quando eu chorava ele dizia “quanto mais choras pior é”.

Já na faculdade, ele teve um daqueles ataques psicóticos e foi a minha casa. Os berros ouviam-se pelo prédio. Os vizinhos chamaram a polícia. Uma das colegas teve a coragem de abrir a porta do meu quarto e viu tudo. Eu estava no chão e ele com os meus cabelos nas mãos e a dar-me pontapés. Havia sangue pelo chão. Ele ainda tentou dar a volta, mas não havia como dizer que não. Só foi embora quando percebeu que a polícia estava a chegar.

E só assim, graças a alguém de fora meter a mão, que eu aos quase 22 anos consegui sair do pior buraco da minha vida.

Maria (nome fictício)
estudante do ensino superior



RELATÓRIO DA CPCJ INDICA TENDÊNCIA DE DIMINUIÇÃO DOS CASOS DE MAUS TRATOS

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA É A SITUAÇÃO MAIS SINALIZADA EM CASCAIS

Em entrevista ao Costa do Sol – Jornal, a presidente da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) de Cascais dá conta do relatório da atividade desta instituição. Segundo Ana Zina, a diminuição do número de situações de maus tratos em 2018, quando comparado com o ano anterior, poderá ser efeito de “um aumento da eficácia na intervenção”.

Costa do Sol - Jornal - Quais os números em destaque do relatório de 2018 sobre maus tratos na infância e juventude em Cascais?

Ana Zina - No relatório da CPCJ de Cascais, do ano de 2018, destacaram-se os seguintes números: Processos instaurados 504, processos reabertos 102 e transitados do ano anterior 419, com um volume processual de 1025. Neste último 10 anos, é possível observar um aumento de sinalizações/processos, passando de 374 novos processos em 2008, para 504 em 2018. Foi um aumento progressivo ao longo do tempo, salientando no entanto que de 2017 para 2018 ocorreu uma diminuição. Esta diminuição terá resultado de um aumento de eficácia na intervenção por parte das entidades com competência em matéria de infância e juventude, no entanto, será ainda necessário melhorar todo um conjunto de procedimentos.

CSJ - Quais as tipologias mais frequentes e que análise é possível fazer a essa tendência?

AZ - Quanto às tipologias que nos foram sinalizadas poderemos verificar o aumento significativo das situações de exposição a comportamentos que afetam o bem-estar e desenvolvimento da criança/jovem, destacando-se o valor das situações de exposição à violência doméstica.

CSJ - Qual tem sido a evolução das sinalizações de casos nos últimos anos e qual a sua interpretação?

AZ - Neste últimos 5 anos, é



Foto: Luis Bento/CMC

esta a situação de perigo mais sinalizada, em 2014 tivemos 146 sinalizações, passando em 2018, para valores de 248 novas situações de crianças/jovens expostas a violência doméstica. Quanto às situações de negligência, temos vindo a verificar uma diminuição, enquanto situações em que a criança e jovem se coloca em perigo tem vindo a aumentar (102 sinalizações em 2018). Esta tendência acompanhou o aumento de crianças/jovens que são acompanhadas pela CPCJ de Cascais com idades entre os 11 aos 17 anos. Em 2018 foi possível observar um aumento significativo de sinalizações do género feminino comparativamente aos anos anteriores.

Quanto às entidades que mais sinalizaram à CPCJ de Cascais no ano de 2018, foram as Forças de Segurança (GNR e PSP), situação que se tem verificado desde 2014. Anterior a esta data eram as escolas que mais sinalizavam. É de

salientar que os pais, outros familiares ou vizinhos têm um papel importante nas sinalizações de crianças em situação de perigo. Em 2018 atingiram, em conjunto, um valor de 90 sinalizações de si-

tuação de maus tratos, enquanto as escolas, sinalizaram 62 novas situações, a Saúde 22 e o Tribunal 19.

Quanto às preocupações dos pais salientamos os conflitos entre progenitores, no âmbito da regulação das responsabilidades parentais, situações de bullying, consumos aditivos (álcool e estupefacientes), comportamentos disruptivos e dificuldade dos pais em colocarem limites /rotinas aos filhos.

A existência de uma diversidade de recursos no Concelho de Cascais tem vindo a ajudar na encaminhamentos de crianças e famílias para apoios psicológicos, pedopsiquiatria/psiquiatria, Terapia Familiar, CAFAP (Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental), APAV, Espaço V entre outros, de forma a superar a situação de perigo. No entanto

nem sempre as respostas são em número suficiente face às necessidades, salientando o problema de falta de respostas ao nível da saúde mental.

Se por um lado temos uma comunidade mais desperta, que tem vindo a sinalizar maior número de situações de maus tratos, temos a obrigação de continuar a trabalhar afinadamente na promoção dos direitos das crianças e na prevenção das situações de maus tratos.

Dai a importância do Mês de Abril - Mês da Prevenção dos Maus Tratos na Infância e Juventude, para criar uma comunidade mais capacitada para a proteção das crianças.

Realizar a leitura precocemente dos sinais de risco, começar a intervir o mais cedo possível, será a forma de diminuir no futuro as situações de perigo para as crianças e jovens.

MAUS TRATOS NA INFÂNCIA

Abril é mês de prevenção

Cascais e Oeiras promovem várias iniciativas.

Abril é o mês da Prevenção Contra os Maus Tratos na Infância. Neste mês, as CPCJ lançam o desafio às mais diversas entidades, para que construam o seu próprio laço azul - símbolo desta causa - e o afixem no exterior dos seus edifícios.

A 30 de abril o apelo é à população, para que se vistam de azul e acorram aos locais designados para ajudarem a construir o laço azul humano. Em Cascais, os espaços selecionados foram o Parque da Quinta da Alagoa, o Parque do Bugio, em São Domingos de Rana, a Baía de Cascais e o Complexo desportivo de Alcabideche.

Já em Oeiras, o mês Prevenção Contra os Maus Tratos na Infância com iniciativas como uma caminhada com crianças ou um torneio de futebol inclusivo.

O encerramento da campanha vai ficar marcado com a construção do laço humano no Estádio Municipal Mário Wilson, no dia 30 de abril, às 14h30m, numa atividade que conta com a parceria da PSP.



POSITIVO

Algarve integrado na Rede Nacional de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica

A Ministra da Presidência e da Modernização Administrativa, Mariana Vieira da Silva, presidiu na sexta-feira, dia 5 de abril, à assinatura de dois protocolos da nova geração para a Territorialização da Rede Nacional de Apoio às Vítimas de Violência Doméstica, na sede da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional (CCDR) do Algarve, em Faro. Estes protocolos envolvem 17 municípios e mais de 70 entidades parceiras de diferentes áreas governamen-

tais: cidadania e igualdade, educação, emprego, forças de segurança, justiça, reinserção social, saúde e segurança social. Assim, todo o território do Algarve passa a ter respostas de atendimento especializado a vítimas de violência contra as mulheres e violência doméstica. A nova geração de Protocolos de Territorialização, iniciativa de Rosa Monteiro, Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, integra a Estratégia Nacional para a Igualdade e Não

Discriminação «Portugal Mais Igual», chega à região com a criação de três Gabinetes de Apoio às Vítimas, decorrentes deste compromisso e cujas Organizações não Governamentais (ONGs) coordenadoras são a APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e TAIPA - Organização Cooperativa para o Desenvolvimento Integrado. Envolvem um investimento de 268 mil euros, assegurados pelo governo e municípios. Os municípios do Algarve envol-

vidos são Albufeira, Alcoutim, Aljezur, Castro Marim, Faro, Lagoa, Lagos, Loulé, Monchique Olhão, Portimão, São Brás de Alportel, Silves, Tavira, Vila do Bispo e Vila Real Santo António e, no Alentejo, o município de Odemira. Enquanto entidades outorgantes, fazem também parte do protocolo as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) locais, as Federações de Bombeiros do Algarve e de Beja e as Universidades do Algarve e de Évora.

NEGATIVO



Bruno Filipe Pires

Algarve «não pode continuar de fora dos Fundos Comunitários»

Na audição do Ministro do Planeamento, Nelson Souza, que tem a tutela dos fundos comunitários, o deputado algarvio do PSD Cristóvão Norte assinalou que «o Algarve como região de transição tem sido sempre prejudicado, não podendo, ao contrário de outras regiões do país aceder a um conjunto de fundos importantes para o seu desenvolvimento e servir de almofada em tempos de recessão, como se registou entre 2009 e 2013». O parlamentar enfatizou que «sendo uma região monodepen-

dente do turismo, sujeito a choques exógenos, quando o país cresce, o Algarve cresce mais, quando decresce, o Algarve decresce mais, com perdas terríveis no emprego e sem acesso a fundos de cariz social que contenham esses efeitos». Cristóvão Norte afirma que se tem que encontrar uma solução. «Todos sabemos que a fixação deste regime depende de Bruxelas, mas é preciso que nos fundos em que a região fique de fora seja substituída por verbas do Orçamento de Estado. A situação é cada vez pior. Quando o in-

vestimento público se confunde com fundos comunitários, isso penaliza gravemente o Algarve e, por isso, ganhe quem ganhar as eleições, é necessário que esta situação seja corrigida», informou o parlamentar em nota enviada à imprensa na sexta-feira, 5 de abril. Já durante o debate sobre o tarifário dos transportes públicos, o deputado lamentou, a título de exemplo, um passe social em Lisboa ou Porto custe um máximo de 40 euros nas áreas metropolitanas, enquanto que no Algarve continuará a haver pas-

ses acima de 100 euros. «Os transportes públicos estão abandonados há décadas no Algarve: mau serviço, escassa qualidade, coordenação inexistente, horários desajustados, composição e máquinas obsoletas. Não é um problema deste governo, tem sido de todos. E é mais grave quão mais significativo tem sido o crescimento populacional e do turismo, o que tem degradado o serviço público de transportes na região. Nunca estivemos tão mal quanto hoje, com uma supressão de comboios sem precedentes», denunciou.

11-04-2019

APAV apoiou mais de 180 vítimas na região

ALLASEREBRINA



João Pedro Baptista

• O total de vítimas apoiadas pela APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), em 2018, ultrapassa as 180 pessoas na região de Trás-os-Montes e Alto Douro. No mesmo relatório, o concelho de Vila Real é aquele que apresenta maior número de denúncias, com 88 pessoas, apenas mais uma relativamente a 2017. Chaves e Lamego são, a seguir a Vila Real, aqueles que mais casos registaram, com o concelho flaviense a registar 23 vítimas e Lamego a apoiar 10.

Contactada pela VTM, Elisa Brites, responsável da APAV, salientou que os números continuam a ser preocupantes, referindo que acabam por mostrar que a violência não apenas acontece em casais de uma faixa etária mais elevada, mas também em casais mais jovens, como em situação de namoro.

“É importante trabalharmos não só a nível dos casos que nos aparecem, mas também ao nível da prevenção e da sensibilização junto das camadas mais jovens para promover os comportamentos não violentos”, referiu, acrescentando, porém, que ainda “existem muitas pessoas que não pedem ajuda, ou porque não se sentem preparadas ou porque têm receio”.

Comparativamente a 2017, o número de vítimas apoiadas pela APAV diminuiu significativamente, tendo-se registado menos 83 casos de violência.

No entanto, esta responsável alerta que “se todas as situações em que há violência fossem denunciadas, haveria muito mais vítimas”. Elisa Brites conta que são vários os estudos que, ao longo dos anos, têm demonstrado que efetivamente a “violência nas relações de intimidade acontece com mais frequência do que aquelas que julgamos”.

Além disso, as vítimas, por vezes, também não “confiam plenamente nas instituições que as poderão ajudar”, o que, segundo Elisa Brites, poderá ter contribuído para que este número tivesse reduzido.

De 2017 para 2018, os concelhos da região onde o número de vítimas mais reduziu foram Peso da Régua, Valpaços e Alijó. Ao passo que em 2017, em Peso da Régua, foram apoiadas 19 vítimas, em 2018 foram ajudadas somente 6. Já em Valpaços reduziu de 18 para 6 e, em Alijó, de 14 pessoas para 7.

Em termos nacionais, o atendimento aumentou, de 2016 para 2018, cerca de 31 por cento, tendo sido apoiadas, no ano passado, mais de nove mil vítimas.



DÁ QUE PENSAR

31% A APAV, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, apresentou as estatísticas do seu trabalho relativo ao ano anterior. Foi registado um total de 46.371 atendimentos, verificando-se um aumento de 31% de 2016 a 2018 – quando, de 2015 a 2017, se havia verificado um aumento na ordem dos 19%.

370 mil pessoas são diagnosticadas na Europa com cancro do intestino, sendo que, destas, 170 mil acabam por morrer. Os doentes que são detetados num estágio precoce têm uma taxa de sobrevivência que ronda os 90%, comparativamente aos doentes que são diagnosticados num estágio mais avançado, para os quais a taxa de sobrevivência é de apenas 10%.



Viver sem medo é um direito de todos!



Célia Carneiro *

Vidas perdidas, olhares vazios, sonhos destruídos, esperanças perdidas, vidas rasgadas!

Todos os anos são verdadeiramente assustadores os números de vítimas de violência doméstica. As consequências podem ser devastadoras para quem sofre de maus tratos no recato do seu lar, para as famílias e para quem as rodeia. Alertar e consciencializar as pessoas para esta temática é um dever de todos nós. Toda a sociedade se deve mobilizar no combate a este problema que vem de longe e tende a não ter fim à vista. Trata-se de um flagelo que atinge crianças, adolescentes, mulheres, homens e idosos e vai muito além das já muito más agressões físicas, pois provoca danos emocionais graves e se reveste de um verdadeiro atentado à integridade e à dignidade humana.

Cada um de nós conhece ou "sabe" de alguém que é vítima desta tipologia de violência e às vezes até são situações próximas e por isso este é um tema que diz respeito a todos e um combate que deve ser feito por todos.

Nesta lógica de estar e intervir perante os problemas sociais as Mulheres Social-Democratas de Paços de Ferreira promoveram uma conferência e debate com o título "Vidas rasgadas" que contou com a presença de muitas pessoas interessas em ouvir e debater o tema.

Nesta iniciativa, para além do grato prazer de constatar que a população se está a mobilizar no sentido de dar voz a um problema que durante décadas se calou entre as quatro paredes dos lares, ficou firmada a ideia de que todos podemos ajudar. Se o problema é enorme também a dimensão da intervenção que pode ser feita no seu combate pode ser massiva e assumir múltiplas formas. A intervenção dos que querem ajudar pode ser feita ao nível da educação para a prevenção e para o cultivo do respeito ao próximo, promovendo-se, assim, informação e empoderamento às vítimas.

Esta mobilização da sociedade, que importa em todo o país, tem, a meu ver, que ser reforçada no nosso concelho na medida em que os números de casos de violência doméstica aqui registados são, simplesmente, assustadores.

A nossa deputada na Assembleia Municipal, Ana Cristina Ferreira, questionou já por duas vezes, neste órgão de deliberação, o Presidente da Câmara sobre o que está o Município a fazer no terreno, mas as respostas que nos chegam nunca são satisfatórias. Na verdade, quase nem chegam a

haver respostas! A única indicação que temos, face às nossas preocupações, por parte de Humberto Brito, é a de que as questões que fazemos devem ser direcionadas para o Gabinete da APAV, como se o nosso Presidente não soubesse se existe ou não um programa de resposta de emergência ao nível habitacional no concelho e também não soubesse o que está a ser feito ao nível da prevenção. Dada a insistência deste responsável em escusar-se a responder estamos em crer que, ou não sabe, ou estas estratégias de intervenção não existem de facto. É por isso que também ainda não sabemos se existe algum programa de apoio pedagógico e recursos informativos para as famílias, nem qual é o plano estratégico do nosso concelho para este flagelo. Tão pouco conhecemos as medidas efetivas que estão a ser implementadas com vista a assegurar a proteção e a segurança das nossas crianças, mulheres, homens e idosos do nosso concelho.

Como não podemos ficar indiferentes a esta situação vamos continuar a fazer estas perguntas ao executivo, vamos continuar a apresentar propostas que visem a diminuição do problema e vamos continuar a trabalhar e a apoiar todas as vítimas e possíveis futuras vítimas deste modo de estar na vida íntima que, ao invés de garantir proteção e carinho, é sinónimo de medo e desespero.

*** Vereadora do PSD na Câmara Municipal de Paços de Ferreira**

PSP e APAV unidas em caminhada solidária



● CONCENTRAÇÃO SERÁ NA PRAÇA DO MUNICÍPIO

● No dia 27 de abril realiza-se a quinta edição da Caminhada Solidária PSP / APAV em Vila Real, que terá a duração de 1h30 a 2h00 e é acessível a todos.

Esta caminhada resulta de uma parceria da Polícia de Segurança Pública com a Associação de Apoio à Vítima de Violência e tem um objetivo solidário, através da recolha de alimentos (arroz, conservas, massa, bolachas). As inscrições implicam a entrega de um produto alimentar não perecível nas instalações da APAV, em Vila Real, que fica no edifício do ex-Governo Civil de Vila Real, Largo Conde de Amarante.

A caminhada de oito qui-

lómetros é destinada a todas as classes etárias e não tem fins competitivos. O percurso da caminhada desenrola-se na cidade e nos arredores de Vila Real, com partida na Praça do Município (Av. Carvalho Araújo). A concentração é às 9h00.

O comissário da PSP, Paulo Andrade, apela às pessoas para participar, uma vez que estão a contribuir para a sua saúde e também a ajudar, nesta causa solidária, que “é um drama que convém lembrar e fazer a reflexão sobre o que não está a correr bem na nossa sociedade”.

Este responsável adianta ainda que o objetivo da PSP “é passar a mensagem

de que a polícia não é uma instituição que se centra apenas na repressão dos crimes e das contraordenações, mas que participa em ações preventivas, ações recreativas, desportivas e culturais”. Além de participar em causas do “bem e de utilidade pública”, como é este caso, a polícia quer “chamar a atenção para este flagelo”, dando uma “imagem de maior proximidade junto da população”.

As inscrições podem ser efetuadas presencialmente no Gabinete de Apoio à Vítima de Vila Real, através do e-mail (apav.vila-real@apav.pt) ou telefone (259375521).

MF



APAV helps nearly 1,000 victims of violence in Algarve

SUPPORT || Portugal's association of victim support (APAV) provided support to over 950 victims of violence in the Algarve in 2018, "an increase compared to the year before".

So said the association's general secretary Carmen Rasquete at a safety seminar held in Portimão this week.

On average, every week APAV was called to deal with 100 cases of violence against adults, 18 against children and 18 against the elderly.

Although APAV is commonly viewed as an

association that supports victims of domestic violence, Rasquete said it also helps victims of other violent crimes.

In the Algarve, most of the people that APAV helps are victims of "theft, physical attacks and sexual violence".

Raquel Rasquete added that APAV has two telephone lines manned by multilingual staff, whom people can call to ask for information or support. The association also provides support to holidaymakers.

APAV - 116 006



DR

Francisco Mota liderou comitiva da JP

Política

JP de Braga visitou núcleo da APAV

A JP de Braga, numa comitiva liderada por Francisco Mota, visitou as instalações da APAV Braga, com o desígnio de compreender o trabalho desenvolvido pela associação.

Na sequência dessa visita, a JHP emitiu um comunicado onde Francisco Mota refere que “este núcleo da APAV apresenta os números mais altos no seu eixo de actuação, no país”. Referiu ainda que “a Câmara Municipal de Braga, e bem, está a vincular com a instituição um protocolo de apoio orçamental, de forma a colmatar a falta de apoio vivida. Acreditamos que o município de Braga dará, ainda este ano, o seu apoio a esta organização”.



EDUARDO RESENDES

Violência de filhos para pais aumenta no arquipélago

APAV Açores regista um aumento de número de casos por violência financeira. Filhos assumem a liderança da casa e dos rendimentos dos pais

MIGUEL BETTENCOURT MOTA
miguelmota@acorianooriental.pt

Ainda é a violência conjugal a que, dentro do quadro de violência doméstica, assume maior expressão no arquipélago e, de um modo geral, no país. Contudo, e muito por força das mutações sociais a que a ainda 'fresca' crise financeira obrigou as famílias, vão chegando mais pedidos de auxílio à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nos Açores por situações de violência filio-parental.

"Aquilo que nós temos verificado é que existe um número considerável de pessoas idosas que são vítimas de violência por parte dos filhos e quando falo em situações de vitimação, com es-

tas características, refiro-me, sobretudo, a violência financeira", indicou a gestora da APAV nos Açores, em declarações a este jornal.

Sílvia Branco começou por recordar que em função do período de austeridade financeira que assolou a economia e o tecido social português - deixando sequelas, algumas delas irreparáveis - muitos pais viram-se na obrigação moral de voltarem a abrir as portas de casa aos filhos, que delas partiram para se autonomizarem e constituir família.

Sucede, esclareceu a responsável, que, em muitos desses regressos, os filhos começaram a "assumir a liderança da casa" e apoderaram-se dos "rendimentos



Sílvia Branco indica que a APAV tem acompanhado casos em que os filhos venderam bens dos pais

dos próprios pais" - alguns em estado de maior vulnerabilidade, dada a idade já algo avançada.

Mas não são poucos os casos em que as próprias vítimas não se apercebem que estão, de facto, a serem exploradas. E isto porque o fenómeno da violência financeira esconde formas "subtis" e nem sempre "declaradas" diante das vítimas, deu nota a representante da APAV Açores.

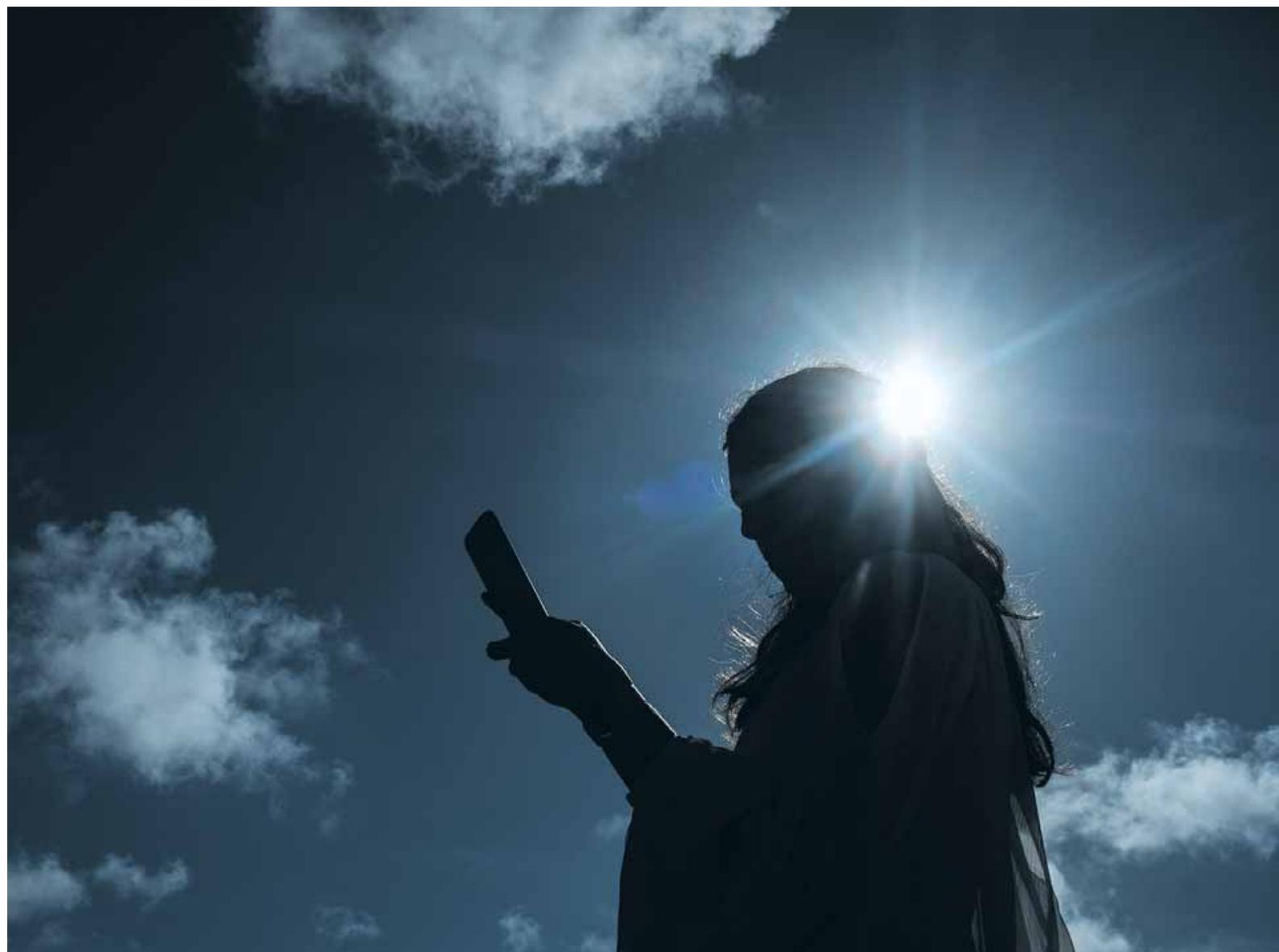
"A não participação nas

despesas regulares", o confinar "dos pais apenas a algumas secções da casa" só são alguns dos comportamentos violentos mais tímidos. Depois, por norma, ganham outros contornos quando os filhos tiram partido dos poderes que lhes são confiados nas procações passadas pelos progenitores.

"O que acontece, muitas vezes, é que essas procações são usadas para vários fins, sem o co-

nhecimento da vítima. Por vezes, é reversível quando o apoio não é pedido atempadamente, mas há situações em que é possível revoçar o efeito da procação, mas já bens e propriedades foram vendidos", alertou Sílvia Branco.

O Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada pode ser contactado telefonicamente através do número 296 285 399, ou enviando e-mail para apav.pontadelgada@apav.pt. ♦



Quando o telemóvel alimenta **relação abusiva**



Um telemóvel escondido no carro para monitorizar a localização, uma aplicação para saber o que o outro vê no computador, um serviço que activa a câmara remotamente – a tecnologia dá (e vende) opções a quem quer controlar à distância

Karla Pequenino

Maria (nome fictício) estava a procurar um vestido novo na Internet. Houve um *site* com um vestido preto a que voltou várias vezes. Mais tarde, ao jantar, o companheiro – de quem Maria começava a ter receio por ser muito controlador – disse-lhe que “aquele vestido preto” lhe ia ficar bem. Além disso, parecia saber sempre onde Maria estava e a que horas. Mesmo quando não a via todo o dia. Mesmo quando Maria não dizia nada.

O caso é um exemplo das histórias que chegam à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Há pessoas que contactam a associação com receios de estarem a ser espiadas pelos companheiros ou ex-companheiros através do telemóvel ou de outros dispositivos electrónicos. Por vezes, são as próprias vítimas (alvo de pressão psicológica) que divulgam as palavras-passe ou *pins* dos seus equipamentos. Em algumas histórias, como a de Maria, há telemóveis escondidos nos carros das pessoas, para as monitorizar, seguindo-as com a função de GPS. Outras vezes são usados programas informáticos – que custam algumas dezenas de euros por mês – para espiar à distância.

“Temos alguns casos em que as vítimas suspeitam que isso esteja a ser feito, principalmente quando são abordadas pelos agressores ou agressoras relativamente a temas que se relacionam com pesquisas que estiveram a fazer nos seus navegadores online”, diz ao PÚBLICO Ricardo Estrela, responsável pela operacionalização das Linhas Internet Segura e Alerta da APAV, que qualquer pessoa pode utilizar para pedir informação ou procurar ajuda.

Histórias como as de Maria repetem-se em todo o mundo: em 2017, a linha de apoio no Reino Unido contra a monitorização por terceiros recebeu mais de uma centena de queixas de pessoas preocupadas com programas informáticos instalados nos seus aparelhos electrónicos para as espiar. Na Austrália, inquiridos a 546 trabalhadores na área de violência doméstica notam que a maioria das pessoas que pedem ajuda teme estar a ser “seguida pela tecnologia” (em 82% das situações, era usado um telemóvel). Nos EUA, a Rede Nacional Contra

a Violência Doméstica diz que 72% das pessoas que contactam a rede falam de “perseguição através de uma aplicação móvel ou GPS”.

A APAV não tem números para Portugal, mas Ricardo Estrela nota que a associação está a “par da existência de programas informáticos pagos e disponíveis na Internet” para espiar. A realidade é que, em 2019, os aparelhos electrónicos do dia-a-dia – como o telemóvel no bolso, os relógios inteligentes no pulso ou o portátil na mala – podem ser utilizados como ferramentas de controlo em relações abusivas.

Vigilância por assinatura

O alerta é repetido em estudos recentes de investigadores da Universidade de Deakin, na Austrália, e da universidade de Cornell e de Nova Iorque, nos EUA, que analisam uma indústria em crescimento de serviços, aplicações e produtos para monitorizar o que outras pessoas fazem online.

“As empresas que vendem estes produtos tentam fazer com que pareçam normais e saudáveis”, explicou ao PÚBLICO Diarmaid Harkin, especialista em criminologia da Universidade de Deakin, na Austrália.

Num estudo, publicado este ano na revista académica *Crime, Media and Culture*, a equipa de Harkin contactou várias empresas que vendem *stalkerware* e *spyware* (inglês para “programas-espião”). Os serviços permitem recolher remotamente mensagens enviadas via telemóvel, informação de GPS em tempo real, dados do histórico de navegação na Internet, e activar o microfone ou a câmara dos dispositivos. Muitos funcionam com uma assinatura pré-paga, que varia entre 14 euros mensais, para os pacotes básicos, e os 50 euros mensais, para pacotes mais sofisticados, que incluem serviços de vídeo em directo à distância.

Tanto a loja *online* do Google, como a da Apple, têm várias destas aplicações, embora nem sempre seja óbvio o fim a que se destinam. Muitas vezes, os serviços apresentam-se como produtos para “garantir a produtividade” dos trabalhadores numa empresa ou a segurança de menores de idade. “O nosso estudo mostra que crianças, jovens e trabalhadores numa empresa são os principais alvos do *spyware* mencionados pelos vendedores”, explica Harkin. Porém, as páginas das aplicações têm muitos comentários onde são relatados casos em que o *software* foi usado para monitorizar os parceiros.

O problema, ressalva o investigador

australiano, é que “com a quantidade de informação que estes serviços recolhem, são facilmente adaptados e usados de forma abusiva”.

Mesmo quem espia não está completamente seguro. Desde 2016, várias empresas com serviços de monitorização à distância (como a Retina-X, o FlexiSpy, o Mobistealth, o Spy Master Pro, e o SpyHuman) foram alvo de ciberataques que põem em risco não apenas as credenciais das pessoas que usam os serviços, mas também, por extensão, as pessoas que estão a ser vigiadas.

O PÚBLICO tentou contactar três dos serviços mais referidos em fóruns *online*. Tanto o MySpy (com sede em Londres), como o FlexiSpy (com sede na Tailândia) e a norte-americana Retina-X (responsável pelo PhoneSheriff) não responderam a perguntas.

“Tens algo a esconder”

Nem sempre é preciso usar um programa informático para ter controlo electrónico numa relação abusiva.

“O que temos descoberto é que as ferramentas utilizadas para monitorizar e espiar as pessoas numa relação não exigem grande sofisticação técnica”, diz ao PÚBLICO Diana Freed, professora na Universidade de Cornell, em Nova Iorque, que co- lidera um grupo de investigação sobre o tema. Chama aos aparelhos electrónicos “o paraíso dos *stalkers*”. Mas “há formas de controlar alguém electronicamente além do *stalkerware*. Por exemplo, ao aceder a contas do Google Maps”, diz Freed.

O Google tem um histórico de localização, que passa facilmente despercebido e que regista todos os locais por onde o utilizador passa. Inclui o caminho feito entre casa e o local de trabalho, os restaurantes que se visi-

tam, os hospitais ou centros de saúde onde se marcam consultas e as casas dos amigos. A precisão não é absoluta, mas anda lá perto. Este registo da localização, a que o Google chama linha cronológica, pode ser desactivado, mas é preciso alterar as definições padrão no telemóvel.

A equipa de Freed admite estar consciente de que ao partilhar as técnicas usadas podem estar a dar ideias a outros atacantes.

“É claro que, ao publicar este tipo de informação, estamos conscientes de que os atacantes podem encontrar novas formas de abusar. Mas o que a nossa investigação mostra é que a tecnologia já é extremamente prevalente em casos de violência entre parceiros”, escreveram os investigadores no estudo mais recente. “Por isso, acreditamos que é preciso trazer detalhes sobre estes ataques ao conhecimento de profissionais de cibersegurança.”

Em Portugal, porém, muitos dos problemas começam porque as vítimas são coagidas a divulgar as credenciais de acesso, ou a dar acesso à localização dos dispositivos – por exemplo através de sistemas de partilha de localização do Google, Facebook ou WhatsApp, que permitem indicar a outras pessoas onde está o telemóvel.

“É utilizado o pretexto de ‘tens de me dar as tuas palavras-passe, pois caso contrário é porque tens algo a esconder’, o que depois leva a situações de violência psicológica e até mesmo física, até que se obtenham os dados”, explica Ricardo Estrela, da APAV.

“Repór as definições de fábrica é sempre uma solução”, sugere o profissional da APAV, referindo-se a uma opção que reverte o sistema do telemóvel para o estado inicial, apagando dados e aplicações. Nestes casos, porém, também se eliminam provas que poderiam ser utilizadas contra o agressor num eventual contacto com as autoridades.

Ricardo Estrela lembra que, além de crimes de violência doméstica, os agressores também estão a cometer crimes informáticos. “É sempre aconselhável a denúncia destas situações à unidade de Cibercrime da Polícia Judiciária.” E deixa um alerta: “Se existem fortes indícios que algum dispositivo está comprometido, a vítima deve arranjar um segundo telemóvel ‘limpo’, de modo a que possa contactar as autoridades e essa conversa não seja interceptada”.

karla.pequenino@publico.pt

uma
va



A 14 de Maio Associação de Apoio à Vítima promove II Jornadas

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima promove, no dia 14 de Maio, na UMinho, as II Jornadas de Braga contra a Violência.

Esta segunda edição conta com um painel diversificado de prestigiados oradores e moderadores com vista a propiciar um palco de debate e reflexão nas diversas temáticas, relacionadas com o apoio a vítimas de crime, bem como com a prevenção da violência e da vitimação.



Opinião

Voz às Escolas



MARIA DA GRAÇA MOURA

Directora do Agrupamento de Escolas André Soares

“O azul funciona para mim como uma constante lembrete/ alerta para lutar pela proteção das crianças”

Bonnie W. Finney

Em 1989, na Virgínia, E.U.A., Bonnie W. Finney, amarrou uma fita azul à antena do seu carro para despertar a curiosidade das pessoas. Bonnie Finney era avó de duas crianças vítimas de maus-tratos e o laço azul simbolizava as nódoas negras nos corpos dos seus netos. Nasce, assim, a Campanha do Laço Azul (Blue Ribbon), cujo objetivo é a prevenção, a promoção e proteção dos direitos das crianças, no que respeita, sobretudo, aos maus-tratos.

Neste mês de abril, mês da prevenção dos maus tratos na infância e juventude, nada é demais para consciencializar as famílias, a escola e toda a comunidade, contribuindo pa-

ra o fortalecimento dos laços familiares.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera os diferentes tipos de violência como um problema de saúde pública, com consequências físicas e psicológicas gravíssimas e com custos sociais sérios. A violência é um fenómeno universal sem limites culturais, sociais, ideológicos ou geográficos, envolto ainda num pacto de silêncio, principal responsável pelo também ainda tímido diagnóstico e pelo reduzido número de denúncias. A OMS define abusos ou maus-tratos às crianças como todas as formas de lesão física ou psicológica, abuso sexual, negligência

ou tratamento negligente, exploração comercial ou outro tipo de exploração, resultando em danos atuais ou potenciais para a integridade física e emocional da criança.

A APAV, associação de apoio às vítimas de violência, refere que a complexificação e diversificação das formas de violência, de que as crianças e jovens têm sido alvo, obrigam a novas metodologias de intervenção, de prevenção e de formação. Alerta para a importância de uma maior sensibilização da sociedade para as necessidades das crianças, através da adoção progressiva de um papel mais responsável e defensor do seu bem-estar.

Abril, mês do laço azul

Cada vez mais, a problemática da violência em contexto escolar está na ordem do dia. A indisciplina, o vandalismo, o bullying, violência no namoro, agressões a professores, a assistentes operacionais, a alunos, roubos, constituem uma grande preocupação de toda a comunidade educativa. Detetar e combater a violência em contexto escolar tem sido um grande desafio para os profissionais da área da educação. Não existe uma fórmula rápida e eficaz de acabar com esta prática. Desentendimentos, discussões e brigas, sempre acontecerão entre crianças e jovens. Mas torna-se cada vez mais urgente ensiná-los a desenvolver empatia,

respeito e cidadania, para que saibam distinguir o que é engraçado do que é desumano.

O acompanhamento permanente e a cooperação entre a família e a escola são fundamentais para prevenir comportamentos indesejáveis e eliminar situações de violência.

O concelho de Braga tem sinalizado algumas centenas de casos de maus-tratos. Ao longo deste mês, o Município de Braga promoveu um conjunto de iniciativas visando a prevenção, como palestras, workshops e exposições, e que terminam no dia vinte e nove, com a realização de um coração humano no centro da cidade.

O “mês azul” envolve muitas entidades no desígnio de cuidar bem dos mais novos e combater a violência.

Todos, somos poucos na prevenção. Todos juntos, podemos fazer a diferença!



CORRIDA SOLIDÁRIA

Realiza-se a 25 de maio, pelas 21 horas, a 16.^a edição da Corrida de Solidariedade da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), que conta ainda com uma novidade: a Kids Race. Esta prova, que tem início às 20h30, consiste no percurso de um quilómetro inteiramente dedicado às crianças, até 12 anos. Já a corrida em si, feita em dez quilómetros, é de cariz competitivo. Inscreva-se já!





ID: 80198524

25-04-2019

CAMPANHA APAV

NOVIDADE ◉ Luciana Abreu assume ser uma vítima e dá a cara pela luta da associação

ESTRELAS ◉ Várias caras conhecidas chamam "cobardes" a agressores

FAMOSOS

JUNTOS CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

PATRÍCIA CORREIA BRANCO

Luciana Abreu é a mais recente figura pública que se assume como vítima de violência doméstica. A cantora acusou o (ainda) marido, Daniel Souza, com quem está em processo de divórcio, de agressões, e agora associa-se à campanha de sensibilização da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima - relativa a este tipo de crime.

A Luciana juntam-se ainda outras estrelas nacionais - da música à ficção, passando pelo desporto e pelo mundo da culinária - num vídeo em que aparecem a chamar "cobardes" a todos os que cometem este crime. Fernanda Serrano, Maria João Bastos, Paula Lobo Antunes, Catarina Furtado e Lourenço Ortigão são apenas alguns dos nomes bem conhecidos dos portugueses que se associaram a este movimento.

Nas redes sociais, Luciana Abreu partilhou o vídeo e várias mensagens de apoio às vítimas, que estão disponíveis na página da associação. Nestes textos, a

cantora alerta para os vários tipos de violência doméstica, como física, moral, psicológica, patrimonial e económica, e sexual. Luciana disponibiliza ainda os contactos da APAV, de forma a ajudar homens e mulheres que sofram às mãos dos companheiros.

Recorde-se que este drama tem sido muito falado nos últimos meses, devido a vários crimes desta origem ocorridos em Portugal. Só este

ano, já morreram 16 pessoas, das quais 14 eram mulheres, juntando-se-lhes um homem e um

bebé que tinha apenas dois anos. Mas muitas outras vítimas têm sido notícia, devido à gravidade das agressões que sofrem. Disposta a acabar com o problema - ou pelo menos, diminuir estes números -, a APAV volta a contar com o apoio de figuras públicas para campanhas de sensibilização contra este problema. Em anos anteriores, também o fez noutras iniciativas semelhantes. ●

**SÓ ESTE ANO,
JÁ MORRERAM
16 PESSOAS
EM PORTUGAL**



LUÍSA BEIRÃO

Luísa Beirão é um dos nomes que se associam a esta nova campanha da APAV. A manequim portuguesa tem a decorrer um processo em tribunal contra o ex-companheiro, Ricardo Simões, que acusa de violência doméstica.



OS



1 Luciana Abreu acusa o marido de violência doméstica **2** Maria João Bastos apoia campanha da APAV **3** Fernanda Serrano associou-se à causa

FOI VÍTIMA

ca. O caso remonta a março de 2017. A modelo deu entrada num hospital de Lisboa com o rosto desfigurado depois de ter sido vítima de várias agressões. Atualmente, Luísa namora com Gonçalo Santana Lopes. ●



Modelo foi vítima deste crime

CELEBRIDADES QUE APOIAM INICIATIVA



1 O chef Miguel Rocha Vieira **2** Frederico Moraes associou-se a esta campanha **3** Lourenço Ortigão luta contra a violência doméstica **4** Diana Pereira apoia vítimas **5** Paula Lobo Antunes também se mostrou solidária **6** Catarina Furtado é uma voz ativa em ações pelos direitos das mulheres



1 Nuno Markl apoia associação **2** O tenista João Sousa **3** Cláudia Semedo indignada com agressores **4** Jani Zhao contra a violência doméstica



ID: 80199672

25-04-2019

NO PRÓXIMO DIA 14 DE MAIO

APAV organiza na UMinho II Jornadas de Braga contra a violência

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima promove, no próximo dia 14 de maio, as II Jornadas de Braga contra a Violência. A iniciativa decorrerá na Universidade do Minho – Campus de Gualtar, auditório A1.

Nesta segunda edição, a APAV conta com um painel diversificado de prestigiados oradores

e moderadores, com vista a propiciar um palco de debate e reflexão nas diversas temáticas, relacionadas com o apoio a vítimas de crime, bem como com a prevenção da violência e da vitimação.

O objetivo deste evento é procurar melhor compreender algumas das especificidades da violência contra as vítimas especialmente vulneráveis, cen-



O evento decorrerá na Universidade do Minho

trando, num segundo momento, nos novos desafios em torno da proteção das crianças e jovens.

Posteriormente, serão dadas a conhecer novas propostas de prevenção com crianças e jovens, terminando com uma reflexão sobre a vítima de crime.

O evento é gratuito, mas carece de inscrição. A sessão de abertura te-

rá lugar às 09h30 e contará com intervenções do presidente da APAV, João Lázaro; o presidente da Câmara de Braga, Ricardo Rio, e o reitor da UMinho, Rui Vieira de Castro.

Seguem-se os painéis "Um olhar sobre a violência contra as vítimas Especialmente Vulneráveis" e "Novos desafios em torno da Proteção das Crianças e Jovens".



ID: 80201766

30-04-2019

Casos

Beleza



*A diferença da
Jean Louis David*



Tem 37 salões espalhados por Portugal e responde por mais de 400 atendimentos por ano. Por isso, é provável que já se tenha cruzado com a marca ou a tenha visitado. Há anos no mercado português, a cadeia Jean Louis David continua a reinventar-se

Tem a hiperpersonalização como assinatura, ou não tivesse sido a marca responsável pelo corte escadeado, realizado pela primeira vez em 1970. Hoje, a equipa mantém a tradição e respeita a herança, mas continua a inovar. Seja naquele que é o laboratório, em França, ou nos seus “braços” locais, como o português. Com 37 salões no nosso País, a marca tem também procurado diferenciarse. Seja na oferta, acções de branding ou iniciativas. Vasco Malveiro, co-fundador e CEO da Provalliance Portugal – responsável pela Jean Louis David no mercado português, confirma que a oferta no mercado de beleza é cada vez mais alargada e diversificada, mas olha para essa realidade como factor que pode ajudar à diferenciação do ADN da marca: «Quem visitar qualquer um dos nossos salões vai encontrar um serviço consistente, com aconselhamento personalizado e focado na satisfação do cliente. Este é o nosso savoir-faire, que fazemos questão de transmitir a todos os colaboradores, através de formação na nossa própria academia. O Hiper Serviço é um protocolo de procedimentos que seguimos no atendimento de todos os nossos clientes. Outro dos nossos factores diferenciadores reside no facto de sermos uma marca de cabeleireiro com duas colecções exclusivas por ano – Primavera/Verão e Outono/Inverno –, onde são apresentadas as tendências de penteados para a próxima estação, inteiramente criadas e produzidas por nós. Somos uma casa de criação de tendências de cabelo», exemplifica Vasco Malveiro.

Segundo o responsável, a qualidade do serviço, aliada à formação dos colaboradores e na introdução de inovações ao nível das

tendências de moda e beleza, assim como em produtos e serviços, permite à marca seguir cada insatisfação de forma personalizada e continuar um programa rígido de cliente mistério, que avalia o Hiper Serviço e a satisfação. «Apresentamos uma taxa de Hiper Serviço acima de 85% (quer dizer que as nossas equipas implementam mais de oito em cada 10 procedimentos obrigatórios em cada atendimento) e temos uma satisfação global de cliente acima de 90%, o que nos deixa particularmente satisfeitos. Temos também vindo a apostar cada vez mais na nossa visibilidade digital, por forma a estarmos onde os nossos clientes estão», revela, sustentando que todos estes pontos têm sido fundamentais para manter o crescimento.

E-commerce e Hair Fashion Weeks

É a maior cadeia de salões de cabeleireiro na Europa mas, independentemente do número, mantém a mesma filosofia de gestão focada no cliente, nos objectivos a atingir e na inovação necessária para lá chegar. «Isto significa que temos uma forte linha condutora que orienta a nossa acção e nos permite adaptar a maneira como trabalhamos e gerirmos os processos e as pessoas, sem perdermos a nossa identidade e foco. Continuamos a ser a mesma marca irreverente que éramos no início», ressalva Vasco Malveiro.

Para isso, o alinhamento estratégico com a sede da marca, em Paris, é fundamental. Existe uma Academia em Lisboa, onde são formados todos os colaboradores para os valores da marca e a sua metodologia de atendimento próprio. No que diz respeito a tendên-



E como é que está o mercado português, Vasco Malveiro?



«Trata-se de um mercado com duas realidades completamente diferentes. Quem tem visibilidade, quem trabalha bem é muito mais escrutinado do que o resto do mercado. Refiro-me a toda a informalidade que existe ainda no mercado de cabeleiros em Portugal. Acho muito bem que se lute contra esta informalidade, mas considero mais produtivo que as instituições que garantem o bom funcionamento do mercado, como a ASAE e as Finanças, visitassem mais os pequenos operadores do mercado, é aí que existe informalidade e maus procedimentos. Não nas grandes cadeias.»

cias, a Direcção Técnica garante a formação dos colaboradores para as novas colecções, duas vezes por ano. É desta forma que a marca garante uma actualização constante. Ou não tivesse sido Jean Louis David quem, em 1967, criou o penteado escadeado que revolucionou o mundo de tendências de hairstyle. «Foi com esta inovação, criada nos seus primeiros tempos no mundo da beleza, que se destacou como o criador de tendências», recorda.

Ao longo destes 15 anos no mercado português, a Jean Louis David diz ter conseguido passar de mais um salão para líder de mercado. «Tem sido um crescimento que consideramos bastante positivo e queremos que assim continue a ser. Somos actualmente um grupo com mais de 330 colaboradores, que factura anualmente mais de 15 milhões de euros. É verdade que se trata de uma marca internacional, mas tudo o resto é português.»

Uma das mais recentes apostas tem sido o e-commerce, com o mercado português a ser pioneiro a nível mundial, no grupo. «Com as novas tendências de comportamento dos clientes era inevitável que abordássemos o canal online para lá da mera presença institucional», salienta Vasco Malveiro, referindo: «O nosso objectivo é sermos o e-retailer nacional líder na venda de produtos de hair care e hair style, disponibilizando a qualquer

cliente a oportunidade de adquirir os produtos das melhores marcas, incluindo os produtos exclusivos que até agora só estavam disponíveis nos salões Jean Louis David. Naturalmente, este é um processo que demora o seu tempo e estamos empenhados em criar a melhor experiência para o cliente online. O futuro é apostar numa estratégia de cross selling, em que poderemos dinamizar e oferecer os serviços da marca através da plataforma online. Já o fazemos pontualmente, nomeadamente com as Hair Fashion Weeks.»

De facto, desde 2014 que a Jean Louis David promove as Hair Fashion Weeks, uma iniciativa solidária que visa apoiar as causas que tocam o universo feminino em Portugal, nomeadamente através de duas instituições, a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) e o Fundo IMM-Laço. Em Março, os salões receberam a 9.ª edição e o donativo resultante da iniciativa foi entregue ao fundo IMM-Laço, para potenciar a investigação para a cura do cancro da mama. «As Hair Fashion Weeks são dois momentos da marca em que existe uma verdadeira união das nossas equipas em torno de causas que nos orgulhamos de apoiar, ao mesmo tempo que contribuimos para uma democratização do acesso a serviços de cabeleiro de qualidade, a preços promocionais. Trata-se de uma situação win-win em que as clientes ganham com os packs promocionais, as instituições ganham com o nosso apoio – 73 mil euros até à data – e as nossas equipas participam com o orgulho de estarem a apoiar esta causa», confirma.

As Hair Fashion Weeks decorrem durante duas semanas do mês, nas quais os clientes podem usufruir de qualquer serviço de cor por 30 euros, ou um serviço de corte por 20, havendo um donativo de dois euros para o Fundo IMM-Laço ou para a APAV. Paralelamente, ao longo de todo o mês das Hair Fashion Weeks ficam disponíveis vouchers para venda, que permitem aos clientes usufruir dos descontos da campanha nos dois meses após o seu término. ■



FAMÍLIA

QUADROS VIVOS

Nos dias 5, 8, 9, 10, 11, 12, 24 e 25 de maio, a Igreja de São Roque, em Lisboa, apresenta *Quadros Vivos de Caravaggio*. Um coletivo recria 21 obras do pintor italiano ao som de música sacra da época, com encenação de Ricardo Barceló.



16.ª CORRIDA DE SOLIDARIEDADE APAV

Realiza-se a 25 de maio a 16.ª edição da Corrida de Solidariedade da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que, para além da corrida de dez quilómetros e da caminhada de cinco, conta ainda com mais uma novidade: a Kids Race, um percurso de um quilómetro inteiramente dedicado às crianças (até 12 anos) – para que toda a família possa participar!





Sessão debate violência sexual na juventude

MIRA A Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, em parceria com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), no âmbito do projecto "Rede Care" - rede de apoio especializado da APAV a crianças e jovens vítimas de violência sexual, promove no dia 10 de Maio, pelas 18h00, no edifício Mira Center, uma acção de prevenção e sensibilização sobre a temática da violência sexual,

dirigida a pais, representantes legais e outros interessados.

A sessão será orientada pela técnica da APAV Inês Bastos e os interessados em participar nesta sessão deverão fazer a inscrição até ao dia 3 de Maio. A validação da presença pode ser feita através email para (cpcj.mira@cnpdpcj.pt) ou através de contacto telefónico para 913 665 986. A inscrição é gratuita. ◀

Embora os temas originais não sejam creditados em conjunto, André e Bruno Santos trabalham “muito juntos”, mas “as ideias originais, o embrião, chegam algumas delas já bastante completas, com uma ideia definida do que vai acontecer”.

“Mas depois passamos algum tempo a experimentar, a ver como é que cada um de nós se sente a tocar a música com o outro e fazemos sugestões para dar um cunho pessoal”, explicou André.

As duas versões são “Stardust”, de Hoagy Carmichael, “do cancionero norte-americano, mas tocado com um instrumento tradicional madeirense, o rajão”.

Além do rajão, os músicos utilizam no disco um outro cordofone madeirense, o braguinha, que André já tinha utilizado no disco anterior.

“Há dois anos ofereci ao meu irmão um rajão e ele ficou apaixonado pelo instrumento. Então decidimos tocar o ‘Stardust’ nos dois rajões e o ‘Valsa para CDV’, Cândido Drummond de Vasconcelos, um compositor madeirense do século XIX, desconhecido do grande público e que conheci graças à minha tese de mestrado. Nesse [tema] ele toca rajão e eu toco braguinha”, disse.

A outra versão de “Mano a Mano vol.3” é “Noites da Madeira”, “um standard jazzístico, soa a isso, só que feito na Madeira, por um grande pianista, Tony Amaral, que acompanhava o Max”.

A escolha deste tema “é também uma homenagem a essa geração de músicos madeirenses [da qual fazem parte Tony Amaral e Max] que estava ligada ao jazz”.

André Santos redescobriu o tema quando estava a fazer recolhas do projecto Mutrama.

“Quando ouvi actualmente ouvi com estes ouvidos de jazzista e percebi que havia esta harmonia de jazz e comecei a tocá-lo em Mutrama [Música Tradicional Madeirense Revisitada, projecto de divulgação], depois fiz um arranjo que adaptei para Mano a Mano”, contou.

O terceiro volume do projecto Mano a Mano será apresentado a 30 de Abril, Dia Internacional do Jazz, às 19h30 num ‘showcase’ na sede da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em Lisboa.

André e Bruno Santos têm depois concertos marcados a 6 de Maio no Funchal, no âmbito da Festa da Flor, a 10 de Maio no Porto, no ciclo Jazz na Ordem, e a 25 de Maio em Alhandra.

Para Janeiro do próximo ano está prevista uma actuação no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.



MÚSICA

Mano a Mano em novo disco

André Santos e Bruno Santos partilham terceiro álbum, este mais madeirense do que nunca. Para ouvir ao vivo na ilha em Agosto e Outubro

PAULA HENRIQUES
phenriques@dnoticias.pt

André Santos e Bruno Santos editaram 'Mano a Mano - Volume 3'. O disco é o terceiro dos dois irmãos e tem a particularidade de incluir mais originais. Nos vários concertos já previstos está um no Centro Cultural de Belém, em Janeiro do próximo ano. Na Madeira, os dois concertos confirmados realizam-se em Agosto em Santa Cruz e Outubro no Funchal.

O desejo de gravar um novo álbum nasceu na digressão do anterior, revelou ao DIÁRIO André Santos, tendo o concerto de Dezembro do ano passado no Hot Clube incentivado a criação de novos temas. Dessa conjugação e da coincidência de em Janeiro estarem marcadas atuações na Madeira, nasceu o terceiro álbum da dupla, uma vez mais gravado no Paulo Ferraz Studio.

'Mano a Mano - Volume III' é feito de música original, com guitarras, efeitos e cordofones madeirenses à mistura. "É uma continuação do nosso trabalho, com a novidade a ser um maior número de canções originais, são oito no total, e duas versões de outros compositores", apresentou o guitarrista.

Este disco tem um cunho madeirense mais forte, não só por se tratarem de músicas originais compostas pelos dois músicos madeirenses, a desenvolver carreira a nível nacional, como também pela inclusão de instrumentos tradicionais. O braguinha já tinha marcado presença no



A capa do disco, com André Santos à esquerda e Bruno Santos à direita. A imagem é de Dário Gomes.

volume anterior, regressa em novas músicas, e o rajão é introduzido, interpretado também por Bruno Santos. Importa ainda sublinhar a inclusão do tema 'Noites da Madeira', de Tony Amaral, celebrizada por Max, que foi um dos temas escolhidos pelos manos para reinterpretar. O outro standard é do mundo do jazz, o 'Stardust', gravado com Bruno e André Santos a tocar rajão.

"Eu ofereci ao meu irmão nos anos, no ano passado, um rajão. Ele também ficou apaixonado pelo rajão e neste disco toca em dois temas". Além de 'Stardust', André Santos refere-se à 'Valsa para Cândido Drumond de Vasconcelos', onde toca braguinha e Bruno rajão, uma espécie de homenagem ao

compositor madeirense do século XIX.

O disco começa com uma espécie de abertura, um tema muito curto da autoria de Bruno Santos intitulado 'Parque Aventura'. Há uma introdução para o tema 'Guimarães' e o próprio 'Guimarães', que ganhou o nome porque nasceu pelas mãos de André numa residência artística nesta cidade no ano passado. 'Rosa' e 'A Flor do Amor' são dois temas que funcionam como um, compostos pelo mano mais velho e dedicados à filha. Antecedem 'Canção em Lá', criação de André, dentro do folk. Uma introdução ao tema 'Rocky' antecede 'Rocky', é novamente de Bruno Santos, um tema mais dançável. "Ele diz meio a brin-

car, meio a sério que é uma homenagem a Rocky Balboa". 'Cabo Verde', também do mesmo compositor, remete para as sonoridades do arquipélago. 'Noites da Madeira', 'Valsa para Cândido Drumond de Vasconcelos' e 'Stardust' fecham o disco.

A capa é de Dário Gomes. Estamos muito contentes com o resultado, é uma foto que reflecte muito bem aquilo que se passa no disco, uma miscelânea de coisas".

Os manos têm já várias datas marcadas, ontem estavam de partida para a Guarda, tinham uma actuación no Teatro Municipal da Guarda. Já no dia 30 de Abril, Dia Internacional do Jazz, têm uma pequena apresentação em Lisboa, na

ANDRÉ SANTOS NO NOVO DISCO DE SOBRAL

André Santos integra o novo disco de Salvador Sobral no Coliseu do Porto, no dia 11, e antes no Teatro das Figuras, em Faro, onde decorrerá a apresentação oficial do trabalho, no dia 3. A oportunidade de gravar surgiu na sequência do projecto MUTRAMA - Música Tradicional da Madeira Revisitada, apresentado no Teatro Baltazar Dias em Julho do ano passado. Uns dias depois Salvador ia tocar no Summer Opening, tendo André aproveitado para mostrar os encantos da ilha, sempre na companhia do rajão. "Sempre que havia um tempo morto, depois do jantar, do almoço, tocávamos um bocadinho, cantávamos. E eu sabia que ele andava a fazer uma versão desta música. Quando ouvi u a versão de Sobral de 'Anda estragar-me os planos', André achou que o rajão ia encaixar na perfeição. "Basicamente durante esses convívios em que iam tocando eu fui convencendo-o de que o rajão era uma boa adição para a música", confessou.

André Santos vai tocar com Salvador Sobral no Coliseu do Porto, no dia 11, e antes no Teatro das Figuras, em Faro, onde decorrerá a apresentação oficial do trabalho, no dia 3. A oportunidade de gravar surgiu na sequência do projecto MUTRAMA - Música Tradicional da Madeira Revisitada, apresentado no Teatro Baltazar Dias em Julho do ano passado. Uns dias depois Salvador ia tocar no Summer Opening, tendo André aproveitado para mostrar os encantos da ilha, sempre na companhia do rajão. "Sempre que havia um tempo morto, depois do jantar, do almoço, tocávamos um bocadinho, cantávamos. E eu sabia que ele andava a fazer uma versão desta música. Quando ouvi u a versão de Sobral de 'Anda estragar-me os planos', André achou que o rajão ia encaixar na perfeição. "Basicamente durante esses convívios em que iam tocando eu fui convencendo-o de que o rajão era uma boa adição para a música", confessou.

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e no dia 10 de Maio vão ao Porto, a Alhandra (Vila Franca de Xira) e Grândola. Há ainda a possibilidade de irem aos Estados Unidos em Outubro através do Art Institute. "Não sei se se vai concretizar... Já há umas datas". Na Madeira estão previstos dois concertos. Um primeiro a 9 de Agosto, em Santa Cruz, integrado no programa do festival Santa Curtas. No dia 31 de Outubro actuaem no Funchal, no Teatro Municipal Baltazar Dias. As pessoas interessadas em comprar o álbum podem adquiri-lo através da página do projecto ou das redes sociais ou ainda na plataforma Bandcamp.

Duas guitarras mano a mano com a Madeira e o jazz

Os irmãos André Santos e Bruno Santos lançam esta terça-feira o terceiro volume de *Mano a Mano*, disco onde exploram as sonoridades do jazz com guitarras eléctricas, rajão e braguinha. E vão estar no Bons Sons, em Agosto.



Nuno Pacheco · 16 de Abril de 2019, 15:00 (actualizado a 16 de Abril de 2019, 19:20)



André Santos e Bruno Santos, irmãos na vida e no jazz DAVID CACHOPO

Nasceram ambos no Funchal, com uma diferença de dez anos, Bruno Santos em 1976 e André Santos em 1986. Guitarristas imersos no jazz desde há anos, com carreiras firmadas no meio, têm a par dos seus trabalhos a solo ou em projectos colectivos uma parceria que já resultou em vários espectáculos e três discos. O mais recente (*Mano a Mano, Vol 3*) chegou às lojas esta terça-feira e junta, na linguagem do jazz, instrumentos tradicionais madeirenses como rajão e braguinha às guitarras eléctricas que tocam desde a juventude.

Juventude que viveram ambos no Funchal, antes de rumarem a Lisboa. Bruno: “Ouvia muita música pop, porque temos um tio que era um grande aficionado da música pop, um coleccionador, comprava discos todas as semanas na única loja que havia disponível. Depois, influenciado por alguns colegas do liceu, comecei também a ouvir rock: Jimi Hendrix, Led Zeppelin, Deep Purple.” Teve uma banda (um quinteto), chamada Quarto Quadrante, que durou quatro ou cinco anos. “Depois comecei a ter aulas no Conservatório no Funchal, entusiasmei-me com alguns discos de jazz, fui para o Hot Clube em 1998 e por lá fiquei. Comecei a dar aulas e nos últimos anos tenho dirigido a escola do Hot.” Mas antes, numa passagem pelo Algarve, teve aulas com o contrabaixista José Eduardo.

Nat King Cole, ukulele e rajão

A *versão de Stardust* deveu-se a um acaso, conta Bruno. “Há uma versão de que eu gosto particularmente, que é a do Nat King Cole, é brutal. Mas há uns tempos ouvi por acaso uma versão do *Stardust* tocada em ukulele e pensei que podia fazer sentido em rajão. Então fizemos uma mistura dessa versão do ukulele com um bocadinho da do Nat King Cole.”

Mano a Mano Vol 3, sendo o terceiro desta série, não deve ser o último. “Ainda temos muito por onde andar”, diz André. Bruno acrescenta: “Neste volume fizemos um *upgrade* para o repertório de originais, mas há outras ideias na calha. E pensar a dois ajuda muito.”

André Santos e Bruno Santos estarão, *Mano a Mano*, no dia 30, dia internacional do jazz, a apresentar este seu disco na APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) em Lisboa, às 19h30. Em Maio, no dia 6, estarão no Funchal, na festa da Flor, dia 10 estarão no Porto, na Ordem dos Médicos, no ciclo Jazz na Ordem (22h), e dia 25 actuarão em Alhandra. E, tal como foi anunciado ao início da tarde desta terça-feira, integram o cartaz da [edição de 2019 do festival Bons Sons](#), que decorrerá entre 8 e 11 de Agosto na aldeia de Cem Soldos, em Tomar.

nuno.pacheco@publico.pt

Guitarristas André e Bruno Santos editam na terça-feira o novo álbum de Mano a Mano

AGÊNCIA LUSA / LISBOA / 13 ABR 2019 / 10:35 H.



Tópicos

APAV - CONCERTOS - CONTAS - DISCO - ESTUDO -
FESTA DA FLOR - FUNCHAL - HOMENAGEM - JAZZ -
LISBOA - LUSA - MADEIRA - MÚSICA - PORTO - TEMPO

Os guitarristas - e irmãos - André e Bruno Santos editam na terça-feira o terceiro álbum do projecto Mano a Mano, no qual decidiram “inverter” as contas dos discos anteriores, apresentando seis originais e apenas duas versões.

“No primeiro volume fazíamos quase na totalidade versões e dois originais, no segundo tínhamos quatro originais e agora temos seis originais e duas versões. Decidimos que agora estávamos na fase de fazer a nossa própria música, de raiz, então, neste volume três invertemos a situação”, afirmou André Santos, em declarações à Lusa a propósito de ‘Mano a Mano vol.3’, uma edição de autor, tal como os álbuns anteriores.

Nas composições originais deste disco, há “uma miscelânea” de coisas que foram ouvindo “desde a infância”, contou o músico, recordando as horas que ele e o irmão passavam a ouvir os discos do tio, “um colecionador de discos aficionado”.

“Havia rock, pop, música brasileira, e tudo isso misturado com o nosso campo de estudo, que é o jazz, brota nas nossas composições naturalmente”, referiu.

A título de exemplo, André Santos nomeia os temas “Cabo Verde”, que “remete para umas sonoridades um bocadinho africanas” e “Rosa” e “A Flor do Amor”, que são “canções um pouco mais contemplativas, que remetem um bocadinho para o folk”.



GUITARRISTAS MADEIRENSES ANDRÉ E BRUNO SANTOS APOSTAM NOS ORIGINAIS EM NOVO ÁLBUM DE MANO A MANO

Lusa

Artigo | 13/04/2019 10:31

VOTAR

Os guitarristas - e irmãos - André e Bruno Santos editam na terça-feira o terceiro álbum do projeto Mano a Mano, no qual decidiram "inverter" as contas dos discos anteriores, apresentando seis originais e apenas duas versões.

"No primeiro volume fazíamos quase na totalidade versões e dois originais, no segundo tínhamos quatro originais e agora temos seis originais e duas versões. Decidimos que agora estávamos na fase de fazer a nossa própria música, de raiz, então, neste volume três invertemos a situação", afirmou André Santos, em declarações à Lusa a propósito de de "Mano a Mano vol.3", uma edição de autor, tal como os álbuns anteriores.

Nas composições originais deste disco, há "uma miscelânea" de coisas que foram ouvindo "desde a infância", contou o músico, recordando as horas que ele e o irmão passavam a ouvir os discos do tio, "um colecionador de discos aficionado".

"Havia rock, pop, música brasileira, e tudo isso misturado com o nosso campo de estudo, que é o jazz, brota nas nossas composições naturalmente", referiu.

A título de exemplo, André Santos nomeia os temas "Cabo Verde", que "remete para umas sonoridades um bocadinho africanas" e "Rosa" e "A Flor do Amor", que são "canções um pouco mais contemplativas, que remetem um bocadinho para o folk".

Embora os temas originais não sejam creditados em conjunto, André e Bruno Santos trabalham "muito juntos", mas "as ideias originais, o embrião, chegam algumas delas já bastante completas, com uma ideia definida do que vai acontecer".

"Mas depois passamos algum tempo a experimentar, a ver como é que cada um de nós se sente a tocar a música com o outro e fazemos sugestões para dar um cunho pessoal", explicou André.

As duas versões são "Stardust", de Hoagy Carmichael, "do cancionero norte-americano, mas tocado com um instrumento tradicional madeirense, o rajão".

Além do rajão, os músicos utilizam no disco um outro cordofone madeirense, o braguinha, que André já tinha utilizado no disco anterior.

"Há dois anos ofereci ao meu irmão um rajão e ele ficou apaixonado pelo instrumento. Então decidimos tocar o 'Stardust' nos dois rajões e o 'Valsa para CDV', Cândido Drummond de Vasconcelos, um compositor madeirense do século XIX, desconhecido do grande público e que conheci graças à minha tese de mestrado. Nesse [tema] ele toca rajão e eu toco braguinha", disse.

A outra versão de "Mano a Mano vol.3" é "Noites da Madeira", "um standard jazzístico, soa a isso, só que feito na Madeira, por um grande pianista, Tony Amaral, que acompanhava o Max".

A escolha deste tema "é também uma homenagem a essa geração de músicos madeirenses [da qual fazem parte Tony Amaral e Max] que estava ligada ao jazz".

André Santos redescobriu o tema quando estava a fazer recolhas do projeto Mutrama.

"Quando ouvi atualmente ouvi com estes ouvidos de jazzista e percebi que havia esta harmonia de jazz e comecei a tocá-lo em Mutrama [Música Tradicional Madeirense Revisitada, projeto de divulgação], depois fiz um arranjo que adaptei para Mano a Mano", contou.

O terceiro volume do projeto Mano a Mano será apresentado a 30 de abril, Dia Internacional do Jazz, às 19:30 num 'showcase' na sede da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em Lisboa.

André e Bruno Santos têm depois concertos marcados a 06 de maio no Funchal, no âmbito da Festa da Flor, a 10 de maio no Porto, no ciclo Jazz na Ordem, e a 25 de maio em Alhandra.

Para janeiro do próximo ano está prevista uma atuação no Centro Cultural de Belém, em Lisboa.

Mano a Mano: a história de guitarras dos irmãos Santos

  Partilhar  Tweet

Por **Hugo Torres**
Publicado Sexta-feira 19 Abril 2019, 19:43



Bruno e André Santos estão de regresso aos discos. Cartografamos o território sonoro do Vol. 3, entre guitarras, pedais e cordofones madeirenses.

Bruno Santos veio da Madeira em 1998 para estudar no Hot Clube. Dois anos depois, já lá dava aulas. É director pedagógico da escola de jazz desde 2009. Assinou quatro discos em nome próprio e tocou com Lena d'Água, Mário Laginha, Bernardo Sassetti, Filipe Melo. Tem 43 anos. "Este rapaz é precocel!" O irmão, André Santos, interrompe a biografia com uma gargalhada. André é dez anos mais novo: nasceu em 1986. Fixou-se em Lisboa aos 20. Conta dois discos a solo e colaborações com Teresa Salgueiro, Amélia Muge, Filipe Raposo, Pedro Moutinho e Salvador Sobral – que não perde oportunidade de elogiar o amigo e o som que brota do seu ração. Quando se juntam, formam os Mano a Mano, misturando jazz, pop, rock e folk, deixando as guitarras e os cordofones viajar pela música tradicional madeirense, pelos *standards* americanos e pela bossa nova brasileira.

Vol. 3 – que, como indica o nome, é o terceiro álbum da dupla – é a síntese desses passeios sonoros pelo Atlântico. Foi lançado na terça-feira, 16 de Abril, e inclui oito originais e duas versões: “Noites da Madeira”, conhecida na voz de Max, e “Stardust”, de Hoagy Carmichael. Bruno Santos é um “apaixonado” pela versão com orquestra que Nat King Cole fez desta última. “Um dia estava em casa a ouvir uma *playlist* qualquer e apareceu uma versão em ukelele. Ouvi aquilo e imaginei logo que podíamos fazer com os rajões.” O irmão, que fez uma dissertação de mestrado sobre o assunto no Conservatório de Amesterdão, explica: “Foram os madeirenses que levaram estes instrumentos para o Havai, em 1879, quando foram trabalhar na cana de açúcar”. “Os havaianos ficaram fascinados com estes instrumentos tão pequenos que produzem uma sonoridade tão bonita.” O rajão é apenas um deles. Há mais dois: a braguinha e a viola de arame.

O século XIX é igualmente responsável por a braguinha ter aportado neste disco. Durante os seus estudos neerlandeses, André descobriu um músico funchalense que compunha para este instrumento e acabou por fazer-lhe uma homenagem em “Valsa Para Cândido Drumond de Vasconcelos”, onde também se ouve o rajão. Duas pérolas atlânticas entre guitarras, pedais, kashakas (bolas de percussão africanas) e um patinho de borracha, instrumento central na introdução a “Guimarães”, tema feito durante uma residência artística na cidade-berço. Tudo o que está na fotografia de capa de *Vol. 3*, mais as camisas floridas e os candeeiros que usam como cenário nos concertos, a figurinha de Maradona, vinis de António Carlos Jobim, Bill Evans, Ella Fitzgerald e Louis Armstrong, Planetarium e dos inesperados Boney M. “Há uns tempos fui à Madeira e andei a ver os vinis dos nossos pais e vi lá esse, ouvi e disse: isto é groove à séria! Trouxe para cá. Quando fui buscar os discos, para a fotografia, levei esse, que é da nossa casa, da nossa infância, e pus ali”.

A capa do disco é uma porta aberta para a cumplicidade destes dois irmãos e a música que lá se encontra dentro é a sala de estar, em que o virtuosismo convive com a sensibilidade de quem está a contar história sem abrir a boca: “Rosa” e “Flor do Amor” são dois temas contemplativos que Bruno compôs para a filha recém-nascida; “Parque Aventura” chama-se assim porque é o jardim em frente à casa de André (e o gravador do telemóvel insistia nesse título para as faixas que ia acumulando); “Rocky”, que perdeu a toada rock pelo caminho, ficou como tributo a Rocky Balboa e Rocky Marciano (sendo Bruno um boxeur amador). O alinhamento fica completo com “Canção em Lá” e “Cabo Verde”.



São estas as canções que os Mano a Mano vão apresentar num *showcase* na APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, a 30 de Abril (19.30), e vão levar depois pelo país (passando pelo Festival Bons Sons, a 8 de Agosto) e talvez até EUA, Espanha e Guiné-Bissau. Em Lisboa, podemos ouvi-los – juntos ou com outros músicos – entre o Hot Clube, a Fábrica Braço de Prata e o Café Dias, um surpreendente café de bairro, em Alcântara, que acolhe pequenos concertos de vez em quando. Nestes sítios, fá-lo-ão de forma “um bocadinho escondida”, para guardar o público para o que esperam ser o maior concerto da digressão: o Centro Cultural de Belém, a 24 de Janeiro de 2020.



MANO A MANO: UM NOVO DUELO À GUITARRA

· 17 ABR 2019 · 18:20 ·



© David Cachopo

Os irmãos e guitarristas André e Bruno Santos estão de volta aos seus “duelos” de guitarra com o álbum *Vol.3* que, desta feita, junta à já habitual parafernália de guitarras e pedais os cordofones (braguinha e rajão) da sua Madeira natal. Neste *Vol.3*, André e Bruno Santos compuseram e fizeram arranjos, explorando as inúmeras possibilidades que um duo de guitarras (e alguns efeitos) oferece, acrescentando-lhes o Rajão e o Braguinha, instrumentos tradicionais da Ilha da Madeira que ajudam a completar um arranjo discográfico onde o original é a palavra de ordem com exceção das versões para os temas “Stardust” e “Noites da Madeira”.

À semelhança das suas criações anteriores, os manos vão levar o som e as histórias (dentro e por detrás) deste *Vol.3* um pouco por todo o país numa digressão que começa já no dia 30 deste mês, com um showcase de apresentação do álbum na APAV em Lisboa.

A FORMA DO JAZZ

Jazz, improvisação e outras músicas por Nuno Catarino

16 APRIL, 2019 BY NUNOCATARINO

Mano a Mano apresentam novo disco



O duo Mano a Mano, dos irmãos guitarristas Bruno e André Santos, acaba de lançar o seu novo disco, "Vol. 3". O disco já pode ser ouvido e comprado no [Bandcamp](#). Este novo disco será apresentado num showcase na APAV, em Lisboa, no dia 30 de Abril (entrada livre, reservas para comunicacao@apav.pt); uma parte do valor das vendas do disco reverte para a APAV.